

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CASA DAS MANGUEIRAS: ESPAÇO DE APRENDÊNCIA NO COTIDIANO
DE ADOLESCENTES COM VIVÊNCIA DE RUA**

Oswaldo Tadeu Lopes

SÃO CARLOS
2004

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CASA DAS MANGUEIRAS: ESPAÇO DE APRENDÊNCIA NO COTIDIANO
DE ADOLESCENTES COM VIVÊNCIA DE RUA**

Oswaldo Tadeu Lopes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Fundamentos da Educação.

**SÃO CARLOS
2004**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

L864cm

Lopes, Osvaldo Tadeu.

Casa das mangueiras: espaço de aprendizagem no cotidiano de adolescentes com vivência de rua / Osvaldo Tadeu Lopes. -- São Carlos : UFSCar, 2004.
77 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2004.

1. Educação popular. 2. Paradigma indiciário. 3. Aprendizagem. 4. Ordem/desordem. I. Título.

CDD: 370.193(20ª)

Banca Examinadora

Profª Drª Elisa Pereira Gonsalves (UFPB)_____

Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri (UFSC)_____

Profª Drª Maria Teresa Egler Mantoan (UNICAMP)_____

Profª Drª Aparecida Barco Soler Huet (UFSCar)_____

Dedico este trabalho aos meninos e meninas da Escola Experimental Casa das Mangueiras, razão e sentido dessa pesquisa. Aos fundadores e fundadoras da ONG pela coragem em ousar. Aos educadores e educadoras da Casa pela crença na vida.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Elisa Pereira Gonsalves, orientadora que me ensinou a desconfiar das certezas e a trabalhar com as incertezas. A você, simplesmente Elisa, amiga a quem aprendi a admirar pela coragem e delicadeza. Sem a sua contribuição esta pesquisa não teria sido realizada de forma tão prazerosa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, agradeço especialmente ao Prof. Dr. Waldemar Marques e à Prof^a Dr^a Aparecida Barco Soler Huet, pelas inúmeras contribuições de leituras e discussões proporcionadas nas suas aulas, bem como pelas "dicas" gentilmente oferecidas em nossas conversas sobre a pesquisa.

Ao Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri (UFSC), pelas sugestões apresentadas no Exame de Qualificação, e que me ajudaram enormemente a finalizar este trabalho.

À Prof^a Giane Fregolente, agradeço pelas nossas conversas sobre ciência, pelas sugestões de leituras e pelas suas sugestões durante o andamento da pesquisa.

Aos meus amigos Cláudio, Carol e Franciane, que me acompanharam e apoiaram durante o processo de desenvolvimento deste trabalho de pesquisa.

Ao Prof. Caio Aguilar Fernandez, pela cuidadosa correção. Ao Marquinho pela cuidadosa diagramação deste trabalho.

Enfim, a meus pais, Osvaldo e Margarida, pelo cuidado e amor com que me acompanharam. Agradeço, especialmente, pelas suas preocupações semanais devidos às minhas viagens à São Carlos.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa é um Estudo de Caso realizado na Escola Experimental Casa das Mangueiras, uma ONG (Organização Não Governamental) fundada em 1973, e que se tornou pioneira no desenvolvimento de uma experiência pedagógica com adolescentes de 12 a 17 anos, autores de atos infracionais. O objetivo da pesquisa foi o de compreender a lógica que movimenta e dá sentido à ação pedagógica dos educadores da Casa bem como se dá o processo de reorganização da vida dos adolescentes e das adolescentes que vivenciam essa experiência. O material empírico foi construído a partir de um mergulho do pesquisador no cotidiano da ONG. As observações diárias eram anotadas em um diário de campo, através de entrevistas com os fundadores da ONG, a fim de resgatar a história da instituição e a história de vida dos mesmos, e de duas entrevistas realizadas com um adolescente e uma adolescente que reorganizaram suas vidas, escapando da marginalidade. Os dados construídos junto com os sujeitos da pesquisa foram analisados a partir do "paradigma indiciário" de Carlo Ginzburg, ou seja, a escuta das "pistas mudas" e a atenção para o não-dito; de Assmann e o conceito de "aprendência", que não separa o processo cognitivo do processo vital; e também de Balandier e Morin, através do conceito de ordem/desordem e o trabalho com as incertezas. Os resultados indicaram que a espiritualidade é um importante elemento norteador do trabalho desenvolvido pelos educadores e educadoras e que a experiência pedagógica desenvolvida pela ONG é inovadora, devido ao mergulho dos educadores no cotidiano desses adolescentes com vivência de rua, pela incorporação da desordem no seu fazer pedagógico e abertura para a realidade e as incertezas que ela comporta.

ABSTRACT

This research work is a study of case undertaken at Escola Experimental Casa das Mangueiras, a non-governmental organization created in the 70's and which showed to be the pioneer in the development of a pedagogic experience with teenagers of age ranging between 12 to 17 years old, who committed infractions to Law. The target of this research was to try to understand the logic which moves and gives life to the educational action of the teachers belonging to this institution, as well as, how comes out the process of re-organizing their lives (boys and girls), who experienced that situation. The empirical data was built from a spring of the researcher in the daily life of the institution, the notes made every day in a field diary; interviews were undertaken with the founders of this non-governmental organization aiming at rescuing the history of the institution and also rescuing aspects of their lives. Besides two interviews were made with a boy and a girl who re-organized their lives, leaving criminality behind. The constructed data with the subjects of research were analyzed from the Ginzburg's indicatory paradigm, i.e., listening to deaf clues and putting attention to not uttered speech; Assmann's concept of learning, which does not separate cognitive process from those vital ones; Balandier and Morin, using the concept of order/disorder and the work with uncertainties; among others to cite some. The results indicated that the spirituality is an important element which gives direction to the work developed by the educators and that the pedagogic experience developed at the non-governmental organization is new and innovative due to the "immersion" of the educators in the daily life of the teenagers who lived in the street, by incorporating the disorder in the educators' work, opening to reality and the uncertainties that life brings.

SUMÁRIO

Introdução	09
1. Um mergulho na minha complexa-singular existência aprendente	11
1.1 Um olhar problematizador sobre o universo das ONGs	17
1.2 A experiência aproximativa com uma ONG em particular	20
2. Abandonando as certezas... abandonando-me às incertezas	26
2.1 Outros referenciais e outras metodologias	29
3. Casa das Mangueiras: a concretude de um desafio	38
3.1 As crianças e os adolescentes que fazem a Casa das Mangueiras	46
3.2 Casa das Mangueiras: levantar a casa, realizar um sonho, construir um projeto pedagógico	49
3.3 Mística e espiritualidade: o espaço do sagrado na Casa das Mangueiras	52
4. O espaço de aprendizagem como princípio emergente para a reorganização vital dos adolescentes com vivência de rua	57
4.1 O processo de reorganização na trajetória existencial relatada pela girassol	59
4.2 O processo de reorganização na trajetória existencial relatada pelo girassol	63
4.3 O processo pedagógico e a dimensão do cuidado no cotidiano da Casa das Mangueiras	68
5. Pós-reflexões	72
6. Bibliografia	75
7. Anexo: Projeto Onde a Vida tem Valor - Escola Experimental Casa das Mangueiras.....	78

Introdução

Este estudo tem sua origem em uma pesquisa acadêmica desenvolvida juntamente com os estudantes e as estudantes do curso de Pedagogia do Centro Universitário onde leciono, no final da década de 1990. Pois, ao terminar e apresentar os resultados da pesquisa, me vi diante de um dilema, para o qual continuei buscando resposta: qual o papel das ONGs (Organizações Não-Governamentais), que trabalham com educação popular na década de 1990, frente ao Estado Neoliberal? É a promoção de uma cidadania efetiva ou tornaram-se um mero apêndice do Estado Mínimo?

Durante esse impasse, eu freqüentava as aulas do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos, como aluno especial. Aproximei-me de algumas leituras, principalmente das reflexões de uma teórica marxista. Escrevi meu projeto, e me tornei aluno regular na UFSCar. Porém, ao tomar contato com meu projeto, minha orientadora sempre me provocava no tocante às minhas certezas, e me pedia para desconfiar delas também.

No processo de andamento desta pesquisa, realizando um Estudo de Caso em uma ONG específica, comecei a perceber o sentido daquelas provocações, ou seja, que eu estava desenvolvendo uma pesquisa que me levaria a responder "sim" ou "não" à minha pergunta. Mas será que a realidade é assim dicotômica? Será que o micro é realmente reflexo do macrossistema? O cotidiano da ONG onde era realizada a pesquisa empírica me mostrava que o caminho deveria ser outro.

Aproximei-me, então, de outros referenciais teóricos que me ajudaram a obter um outro olhar sobre a mesma realidade, o que mudou totalmente o foco deste estudo. A questão passou a ser uma tentativa de compreender a lógica que movimenta e dá sentido à ação pedagógica dos educadores da ONG, bem como, se dá o processo de reorganização da vida dos adolescentes e das adolescentes que vivenciam essa experiência.

Desta forma, no primeiro capítulo deste trabalho, faço uma retrospectiva da situação existencial no intuito de compreender porque essas questões tornaram-se tão importantes para mim, a ponto de culminarem em uma pesquisa acadêmica. Faço uma problematização em torno do papel das ONGs das décadas de 1970 a 1990, e exponho minha experiência aproximativa com a ONG Escola Experimental Casa das Mangueiras.

No segundo capítulo descrevo o processo de abandono das minhas certezas e o mergulho em outros referenciais teórico-metodológicos e como isso foi possibilitando um novo olhar para os meus sujeitos da pesquisa. Foi interessante notar como a abertura para as incertezas possibilitou traçar novos itinerários na trajetória do pesquisar de acordo com as necessidades geradas no processo de construção do material empírico.

O terceiro capítulo já é uma análise do material empírico na tentativa de compreender a história da ONG, como ela surge, quem são seus fundadores, quais os sentidos da história dessa fundação para esses sujeitos; qual o perfil das crianças atendidas pela instituição; como foi a construção de um projeto pedagógico e a lógica que movimenta essa fazer; e qual o lugar da mística e da espiritualidade no espaço Casa das Mangueiras e no trabalho realizado pelos educadores.

No quarto capítulo discuto a Escola Experimental Casa das Mangueiras a partir do conceito de *aprendência* (Assmann 1998), enquanto princípio emergente para a reorganização da vida de adolescentes com vivência de rua. Para aprofundar essa discussão me utilizo da entrevista de dois adolescentes que estão na ONG e que conseguiram escapar das amarras da marginalidade, na tentativa de compreender essa dimensão pedagógica a partir dos sentidos dados por esses sujeitos. Para finalizar, faço uma reflexão sobre a *dimensão do cuidado* (Boff 1999), e sua implicação na pedagogia desenvolvida pela Casa e os resultados desta.

Cabe ressaltar que o exposto nesse trabalho é uma tentativa de aproximação e compreensão de uma realidade ricamente complexa que, por mais que eu tente descrevê-la, faltam-me palavras para esgotar os vários significados dessa experiência. De modo que o resultado do mesmo é um olhar limitado. Mas nem por isso superficial do pesquisador.

1. Um mergulho na minha complexa-singular existência aprendente

*Era um dia comum
e virou festa.
A gente põe nas coisas
as cores que tem por dentro.
(Antônio Marcos Noronha)*

Mergulhar nessa aventura epistemológica, estar pronto para ir ao encontro do(s) outro(s), e dele(s)/nele(s) descobrir sua novidade nas respostas, ainda que momentâneas, para as perguntas que me inquietam, tem sido uma experiência desestabilizadora para meu ser existencial.

Essa aventura originada pela dúvida e pelo sentido da vida tem me trazido/levado ao encontro de mim mesmo, porque, falando das coisas do mundo, dos outros, falo de mim. Exponho minhas crenças e valores, meus medos e angústias. Partilho meus sonhos e esperanças. Revelo-me! Sou traído por mim mesmo.

Para entender a minha busca no sentido mais filosófico do termo, ou seja, o desvelar ainda que superficial e provisório da realidade, percebo que é a mim que busco compreender, e essa busca vem disfarçada do outro.

Conforme Gonsalves (2000), isso se dá porque nós somos produtores e produtos de nós mesmos, enquanto nos relacionamos com nossos entornos, de forma que, conhecer é autoconhecer-se. E nesse processo me reconheço como sujeito *aprendente*, porque, conforme Assmann (2000, p.43), ao citar Varela, [...] *O conhecimento emerge da história da ação humana, das práticas humanas recorrentes. É a história das práticas humanas que dá um sentido à vida.*

Cabe esclarecer que Assmann (2000), ao discutir o conceito *aprender*, extrapola o que ele denomina equação simplista, para a qual o aprendizado é resultado de bom ensino mais estudo disciplinado. Para ele, somos *aprendentes*, porque estamos imersos existencialmente em um processo de construção e re-construção. Quando aprendemos o novo, há uma reconfiguração no ser do sujeito aprendente e só assim o ato de aprender se torna significativo.

Hoje descubro que o sentido desta dissertação, ou seja, a tentativa de compreender a lógica que movimenta a prática de uma educação popular dentro da ONG Casa das Mangueiras, enquanto proposta de

emancipação e reintegração de adolescentes com vivência de rua, que - *a priori* - estariam fadados ao mundo da criminalidade, e, portanto, impossível de se re-educarem, pode ser encontrado não somente no *locus*, aonde vou em busca do outro, mas está na situação aprendente que a vida me proporcionou.

Às vezes me pego conversando no meu íntimo e analisando a vida de tantos brasileiros com uma história de vida como a minha e questiono como cheguei até aqui. Chego a pensar que, se houver destino, foi um descuido dele, ou, então, eu o sabotei. Muitos com uma história semelhante à minha ganharam desfechos tão diferentes. Penso então naquelas teorias sociológicas generalizantes e simplistas, para as quais eu seria mais um número nas estimativas pessimistas e totalizadoras sobre fracasso escolar.

Essa minha observação não é uma crítica às Ciências Sociais, nem à sua contribuição para a Educação; seria uma ignorância negar a sua contribuição para a construção do conhecimento humano. Porém, a generalização pode trazer em si o risco de falsas conclusões, porque ignora o singular. No meu caso, especificamente, trata-se de uma exceção, e, enquanto tal, guarda uma singularidade porque revela em si uma capacidade de auto-organização, já que:

"Enquanto organismo vivo, somos também, um sistema perceptivo e cognitivo. Em cima do que nos advém 'de fora', construímos ativamente a nossa imagem do real. Somos criadores do 'nosso mundo', inventores do 'nosso mundo', fabuladores e sonhadores do 'nosso mundo', transformadores do mundo real porque, em primeira instância, transformadores do nosso próprio 'mundo interno' mediante uma fantástica evolução intra-organística".(Assmann, 2000, p. 61).

Sendo o filho mais velho de uma família grande e pobre, que desde os onze anos trabalhou/trabalha para ajudar no orçamento familiar, a regra diz que eu abandonaria a escola ainda no Ensino Fundamental e que talvez meus irmãos mais novos gozariam das oportunidades a mim negadas.

Mas não foi o que ocorreu; pelo contrário, fui o único a concluir um curso superior, e, para contrariar ainda mais as estatísticas, encontro-me cursando uma pós-graduação, com um detalhe: em um país onde isso é reservado a uma ínfima minoria economicamente privilegiada.

Acredito que algumas coisas foram importantes em minha vida de aprendente; uma delas foi o carinho dos meus pais que, com todos os seus problemas conjugais e limitações, sempre dispensaram muito afeto a mim e

aos meus irmãos (cinco no total). Com eles eu aprendi a importância da afetividade, de ser atingido por um amor incondicional. Aprendi o valor da solidariedade e da partilha, primeiramente no próprio lar e, depois, fora dele também.

Esse modo de ser cuidado pelos meus pais possibilitou, na minha existência com o mundo e com o outro, um *modo-de-ser-cuidado*. Boff (2001) reflete sobre dois modos de ser-no-mundo, isto é, "*a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros... que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas*" (p. 92): o trabalho e o cuidado.

Segundo o mesmo, no *modo-de-ser-trabalho*, a relação com a natureza se dá na forma de interação e de intervenção. O trabalho, na sua forma mais primitiva, seria mais interativo, pois a relação do ser humano com a natureza era mais harmoniosa, tirando dela apenas o necessário para a sua sobrevivência. Essa relação, entretanto, caminha para uma forma de intervenção na natureza, pelo trabalho, para dominá-la e colocá-la a seu serviço.

No *modo-de-ser-cuidado*, que não se opõe ao trabalho, a relação com a natureza não é a de pura intervenção, mas de interação e comunhão. Portanto, de cuidado, respeito e acolhida. "*A centralidade não é mais ocupada pelo logos razão, mas pelo pathos sentimento*" (p. 96).

Segundo Boff, houve uma ruptura entre essas duas dimensões, gerando uma relação de poder-domínio do ser humano sobre a natureza e sobre os demais seres humanos, que pode levar à sua autodestruição, e uma possível saída para evitar essa catástrofe seria o resgate desse modo-de-ser-cuidado.

"Dar centralidade ao cuidado não significa deixar de trabalhar e de intervir no mundo. Significa renunciar à vontade de poder que reduz tudo a objetos, desconectados da subjetividade humana. Significa impor limites à obsessão pela eficácia a qualquer custo. Significa derrubar a ditadura da racionalidade fria e abstrata para dar lugar ao cuidado".
(Boff, 2001, p. 102).

Retomando a reflexão que eu fazia sobre a importância da minha experiência de educação familiar no processo de aprendizagem, percebo, hoje, que o ato de vivenciar, de receber afeição, gera uma atitude de afeto que é uma das dimensões da ética do cuidado. Para Boff, cuidar é "*uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro*". (p. 33).

Sou levado a crer que o que dá sentido à minha pesquisa é a

tentativa de compreender não somente, como me referi anteriormente, a lógica que movimenta a prática de uma educação popular dentro da ONG Casa das Mangueiras, mas, principalmente, se a dimensão do cuidado e sua relação com o ato educativo é elemento significativo no processo de aprendizagem daqueles adolescentes, qual seja, a produção de um saber enquanto resignificação da realidade dos mesmos, emergido de suas histórias de vida.

Outro elemento importante na minha experiência enquanto sujeito aprendiz, e que está intrinsecamente ligado ao modo-de-ser-cuidado, foi a dimensão espiritual que aprendi a cultivar com meus pais e avós e que esteve presente durante toda a minha infância e adolescência.

Boff (2001) argumenta que a modernidade se edifica sobre um realismo materialista, cujo centro é a razão ou o *logos*; porém, *"este realismo é pouco realista porque reduz o âmbito da realidade, ao não incluir nela o fenômeno da subjetividade, da consciência, da vida e da espiritualidade"*. (p. 23). Logo, empobrece e limita a relação e a realização no ser-no-mundo.

Para enriquecer essa relação/realização urge que o *pathos*, ou o sentimento ocupe a centralidade, possibilitando assim, um enriquecimento da nossa visão de mundo orientada por um novo sentido de viver e de atuar movidos pelo re-encantamento pela natureza e de com-paixão pelo outro.

Essa espiritualidade, enquanto modo-de-ser-cuidado, é que, citando Fernando Pessoa, permitiu-me perceber que *"eu sou do tamanho do que vejo e não do tamanho de minha altura"*. Isso porque vivenciei uma espiritualidade que me projetava para além dos espaços por mim ocupados, na vivência solidária com o outro, na experiência do sagrado,

"[...] baseada na percepção do mistério do universo e do ser humano, na ética da responsabilidade, da solidariedade e da compaixão, fundada no cuidado, no valor intrínseco de cada coisa, no trabalho bem feito, na competência, na honestidade e na transparência das intenções". (Boff, 2001, p. 25).

E, assim, fui sorvendo da vida os encantos e desencantos. Sem ser masoquista, o desencanto também é eivado de situações aprendentes, e sem nenhuma sensação de revolta fui cavando e aproveitando as oportunidades aprendentes que a vida, ora encantada, ora desencantada, me oferecia.

Imerso nesse ambiente familiar, e dessa interação com meus pais e avós, eivados do cuidado-afeto-espiritualidade, foi se configurando esse meu ser-no-mundo na relação com meu entorno, que, embora bastante limitado

materialmente, era abundante em cuidado. Esses elementos possibilitaram uma situação de aprendizagem que me projetou para a crença em um futuro melhor, não só no aspecto individual, como também no social. Como afirma Boff (2001), *"nessa co-existência e con-vivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autonomia, sua autoconsciência e sua própria identidade"*. (p. 92).

Assim, terminei o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, após um intervalo de dois anos entre um e outro, por não me sentir maduro o suficiente para iniciar o "colegial". É engraçado que tudo isso eu decidia sozinho; meus pais não tinham qualquer interferência, pois a escolaridade não estava presente como prioridade em suas vidas. Meu pai conseguiu concluir o quarto ano primário, com muito esforço, conforme afirma. Minha mãe parou no terceiro ano, e era daquele tipo que tinha horror a provas, faltava sempre que podia. Meu pai sempre foi mais disciplinado, atento e dócil, enquanto minha mãe tem um espírito crítico e é muito espontânea. Acho que foi por isso que meu pai conseguiu maior êxito escolar, enquanto minha mãe não se adequava àquela escola. Ficava de castigo na hora do intervalo, presa na sala de aula... mas fugia, brincava, e quando a professora voltava, lá estava ela, imóvel, "cumprindo" o seu castigo!

Quando achei que estava preparado fui à escola e fiz a minha matrícula para iniciar o Ensino Médio. Posso dizer que foi a melhor opção que fiz; guardo calorosas lembranças daqueles anos de convivência com meus professores e amigos, pois a escola foi mais do que sala de aula.

Aprendíamos a todo o momento, trocávamos informações, tirávamos dúvidas; a cantina era para alguns de nós um local sagrado, onde o sabor do lanche que nos saciava a fome se misturava com o saber compartilhado que nos tirava as dúvidas que havia ficado das aulas de dias anteriores. Só mais tarde vim a saber que sabor e saber têm a mesma origem etimológica. Enfim, vivíamos uma situação de aprendizagem ainda que não tivéssemos consciência disso.

Assmann (2000), em sua reflexão sobre sistemas aprendentes, diz que nossos sentidos não são janelas, mas interlocutores do mundo, e essa visão

"contradiz abertamente a concepção bastante comum de que os sentidos seriam uma espécie de janelas pelas quais o conhecimento entra 'de fora' para dentro do organismo (...). Nossos órgãos sensoriais são, acima de tudo, criadores de conexões com o meio ambiente". (p. 37-38).

Ali, com os colegas, conseguíamos entender aquela fórmula de química, a equação matemática que o professor não conseguia fazer com que alguns de nós entendêssemos, a análise sintática que nos havia deixado "boiando". Escrevíamos a peça de teatro que iríamos apresentar na aula de Educação Artística. Enfim, construíamos um conhecimento, como afirma Assmann, não como estocagem simbólica a nós transmitidas, mas *"sobre a base de um novelo de ações"* (p. 43) e relações.

E, na roda-viva da vida, ainda que a minha situação existencial-concreta me fizesse galinha, nunca perdi o instinto de águia (Boff, 1998), pois, havia em mim uma força que me impulsionava e fazia com que eu sonhasse, me projetasse. Era, assim, eu, águia na galinha, galinha na águia. Isso que hoje podemos chamar complexidade, uma dualidade sem dualismo, *duas dimensões do único e complexo ser humano* (p.82).

Dessa forma fui caminhando, e, como diz Antônio Machado, *"ao andar se faz o caminho"*. Fui me conduzindo/sou conduzido por caminhos nem sempre tão planejados, e ao término do Ensino Médio, em 1988, eu ingressava no seminário dos Padres Canossianos. Abandonei minha família e a pacata cidade litorânea de Itanhaém, SP, para morar em Araras e, depois, em Ribeirão Preto, ambas no interior de São Paulo, onde permaneci por seis anos.

Até hoje me perguntam porque entrei e porque saí do seminário. Querem saber a verdade? Não sei... Entrei porque me senti seduzido, saí porque terminou o encantamento. Mas posso dizer que foi ali que pude vivenciar grandes e belas experiências de vida, como a que vivenciei por dois anos (1989-1990) em uma favela da cidade de Ribeirão Preto, desenvolvendo um trabalho que era ao mesmo tempo espiritual/social junto às famílias e às crianças que ali moravam. Sentia por eles uma empatia, uma paixão, sem pieguismo; ali me realizei e fui muito feliz.

Acredito que essas duas dimensões - a espiritual e a social - não se separam, porque somos sujeitos complexos e portanto, múltiplos, de modo que as nossas ações se configuram de conexões múltiplas. Não há um sujeito espiritualizado e um sujeito educador social, ambos coexistem na mesma pessoa e é essa multiplicidade que enriquece a sua interação com o seu entorno. Isso me remete ao que Boff (1999) chama de mística, ou seja,

"o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam pessoas e movimentos na vontade de mudanças inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos". (p. 24).

Esse elemento que já se fazia presente em mim, naquele momento se tornava o motor secreto, conforme diz o mesmo autor, na prática político-social, como utopia, sonho de uma nova realidade.

Mais tarde, na primeira metade da década de 1990, encontrei-me com algumas dessas crianças, agora já adolescentes, na escola onde passei a lecionar após minha saída do seminário; nesse momento, a favela já não existia mais. Havia sido transferidos para um conjunto habitacional e muitos venderam suas casas, por não se habituarem ao local; foram misturados com moradores de outras favelas e foram desfeitos os vínculos existentes entre eles. Sem querer romantizar a situação da favela, em meio a toda aquela miséria havia uma grande solidariedade entre os moradores.

Também encontrei algumas dessas crianças, agora já com suas crianças no colo, quando fui conselheiro tutelar, na segunda metade da década de 1990. Foi nessa época, ainda, no processo de eleição para o Conselho Tutelar, que conheci a Casa das Mangueiras, e passei a nutrir um sentimento de admiração pelo trabalho desenvolvido pela instituição, a ponto de não perder o contato com a mesma após o término do meu mandato como conselheiro.

Fazer essa retomada da minha história de vida, revisitar alguns momentos bastante significativos na minha trajetória existencial tem um sentido muito importante nessa pesquisa, porque evoca e provoca uma auto-reflexão. Aranha (1994), analisando o sentido da palavra *reflexão*, afirma que *"quando vemos nossa imagem no espelho, há um 'desdobramento', pois estamos aqui e estamos lá; no reflexo da luz, ela vai até o espelho e retorna"* (p. 73).

Experimentar essa auto-reflexão é, portanto, olhar para si mesmo. E, assim, talvez fique mais claro o olhar que dispensamos sobre o outro, da mesma forma que somos levados a pensar que o olhar sobre o outro nos revela a nós mesmos.

1.1 Um olhar problematizador sobre o universo das ONGs

A relevância em traçar essa trajetória existencial do pesquisador está na possibilidade de repensar os sentidos dessa pesquisa e descobrir que, por detrás de seu caráter meramente acadêmico, revela-se uma dimensão sujeito-pesquisador-aprendente, pois, como afirma Boff, no prefácio do livro de Assmann (2000)

"Processos cognitivos e processos vitais se encontram. São expressões de auto-organização, de complexidade e de permanente conectividade de todos com todos em todos os momentos e em todas as etapas do processo evolucionário."

Conhecer é um processo biológico. Cada ser, principalmente o vivo, para existir e para viver tem que se flexibilizar, se adaptar, se re-estruturar, interagir, criar e evoluir. Tem que fazer-se um ser aprendente. Caso contrário morre. Assim ocorre também com o ser humano". (p. 12).

De forma que o ser humano enquanto sujeito/pesquisador aprendente não desvincula a construção do conhecimento do seu cotidiano existencial. É essa concepção que orienta o meu olhar quando retomo a origem do tema e da problemática levantada na minha pesquisa.

O interesse acadêmico por essa pesquisa teve início em maio de 2000, quando nós, professores do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Moura Lacerda, em Ribeirão Preto, SP, resolvemos, junto à Coordenadoria de Curso, promover um projeto pedagógico envolvendo o corpo docente e o discente, com o intuito de estimular a pesquisa discente e o trabalho interdisciplinar, buscando concretizar a relação teoria e prática, tão dicotomizada, no processo formativo. A essa pesquisa demos o nome de "*Projeto 500 anos de Brasil: os novos-velhos problemas educacionais*", que para a nossa satisfação, teve grande receptividade e adesão por parte das estudantes e dos estudantes de Pedagogia.

Alguns professores e eu ficamos encarregados de acompanhar o trabalho dos alunos do 4º e 6º períodos. Mas uma dúvida surgiu: o que pesquisar? Levantamos vários temas com esses alunos, que optaram por "Política Educacional", aliás, um tema muito abrangente. Nova votação e optamos por trabalhar com "Espaços formativos 'não escolares'". Outra votação e decidimos ir a campo e pesquisar algumas ONGs com trabalhos educacionais de grande relevância na periferia da cidade de Ribeirão Preto.

O que motivou o grupo a tomar essa decisão foi a seguinte reflexão, levantada por ele mesmo: apesar de termos consciência e valorizarmos a educação formal, responsabilidade do Estado, não podemos descartar as parcerias com a sociedade civil, através das ações das ONGs, por perceber como essas oferecem ricos exemplos a serem aproveitados pelo poder público, sendo o principal deles a construção de um espaço para a formação da cidadania.

Essa imagem das ONGs, nutrida pela observação e pelos estudos, foi o que deu vida e se materializou naquele trabalho de pesquisa.

Após o debate teórico que já estava contemplado no conteúdo programático das disciplinas de Sociologia, História e Filosofia da Educação, cada grupo de aluno visitou uma entidade (Casa das Mangueiras, Educandário

Quito Junqueira, Nosso Clubinho, Núcleo Fraternidade São Francisco de Assis e Creche Espírita Obreiros do Bem), tendo consigo um roteiro para entrevista e outro para filmagem, elaborado previamente entre professores e alunos. Ao fim das entrevistas montamos um pequeno documentário a ser apresentado para todos os alunos do Curso de Pedagogia.

Naquele momento, enquanto alguns professores e eu coordenávamos essa pesquisa, algo me inquietava: estávamos diante de mudanças no cenário mundial, influenciadas por uma política neoliberal e uma concepção de Estado Mínimo, onde:

"[...]o Estado deve restringir-se às funções básicas (saúde, educação, transporte, habitação, etc), mesmo estas com certas reservas, pois muitas dessas atribuições constitucionais podem ser desenvolvidas 'satisfatoriamente' pela iniciativa privada". (VIEIRA, 1997, p. 153).

Há, portanto, uma drástica redução das funções do Estado, restringindo sua atuação apenas aos serviços públicos essenciais, como forma de diminuir sua participação no Produto Interno Bruto (PIB), fortalecendo, assim, a economia para que possa competir no mercado globalizado.

Isso implica uma redução dos gastos públicos e um corte do investimento na área social, repassando para a sociedade civil organizada essa função. Surge, aqui, o conceito de Terceiro Setor. Segundo Fernandes (1994), este é apresentado como uma organização civil que tem como característica a negação do lucro ou do poder de Estado. Sendo assim, abarca uma série de organizações estruturadas ou não, e as ONGs, inclusive, enquadram-se nessa categoria.

No que se refere especificamente às ONGs, Fernandes destaca uma reconfiguração no cenário político-social na relação entre os movimentos sociais e as mesmas, sendo que, na década de 1970, havia um clima promissor, já que elas se tornaram um importante instrumento de luta pela garantia da cidadania, colocando-se em oposição ao Estado, e sem nenhum vínculo econômico com as empresas.

Na década de 1980, ocorre uma crise de paradigmas no interior da sociedade civil, vinda com a reabertura democrática, além das mudanças ocorridas no cenário econômico, o que, segundo ele, possibilitou, na década seguinte, uma nova revitalização da sociedade civil organizada, o Terceiro Setor. Não como opositores ao mercado e ao governo e sim como parceiros.

Ao longo dessa trajetória, a pesquisa foi ganhando novos contornos. Conforme ia me aproximando do meu sujeito de pesquisa, este ia se revelando, e muitas vezes confundindo as minhas próprias dúvidas. Cada informação nova que eu ia obtendo, desestruturava a minha tentativa de compreensão e, com ela, o sujeito/pesquisador.

Frente a essa constatação, algumas questões começaram a se impor para mim: Seriam essas ONGs respostas para tal cenário neoliberal?

Se sim, elas podem constituir-se, dialeticamente, em espaços de formação da cidadania? Ou seja, se eu concebo a ONG como espaço de formação da cidadania, poderíamos afirmar que a educação ocorrida no seu interior possui elementos emancipatórios, no sentido de propiciar aos indivíduos uma prática educacional na qual se construa uma identidade cultural de forma a superar uma situação de exploração, qual seja, promover uma alteração da situação existencial desses indivíduos na direção de uma cidadania efetiva?

Caso isso não ocorra e a ONG trabalhe apenas para a efetivação de um capitalismo menos selvagem, apenas minimizador dos efeitos nefastos causados pela brecha cada vez maior entre ricos e pobres, que duplicou entre 1970 e 1995, conforme estimativa apresentada por Schugurensky (1999), ela estará respondendo às necessidades de uma economia neoliberal, no sentido de ocupar o lugar do Estado na promoção de uma minimização dos efeitos da exclusão gerada por esta política econômica, até então administrada pela concepção keinesiana de bem-estar social ora negada pela concepção de "Estado Mínimo"?

Essas são questões que se colocam e para as quais não obtenho respostas; pelo contrário, conforme elas vão se impondo, sou conduzido a rever meus conceitos, e uma das maneiras de confrontar literatura, da qual eu havia me aproximado, era ir a campo, procurar compreender, ainda que de forma limitada, como se processa a educação não-formal desenvolvida por uma ONG em particular.

1.2 A experiência aproximativa com uma ONG em particular

A partir dessas preocupações iniciais, e tendo levantado a minha questão, restava escolher uma ONG para desenvolver a pesquisa. Nesse momento, aproveitei-me da minha experiência como conselheiro tutelar no município de Ribeirão Preto, SP, nos anos de 96 a 99, que permitiu satisfatório conhecimento dos trabalhos realizados pelas ONGs existentes na cidade, que trabalhavam com educação não-formal.

Dessa forma, e nesse processo de aprendizagem, vou entrelaçando os fios da trama dessa grande rede de saberes e, aos poucos, vou puxando os fios dos saberes práticos e dos saberes científicos na tentativa de construção dessa pesquisa.

Como forma de tornar mais vigoroso um debate sobre o conceito de educação não-formal, gostaria de fazer um contraponto entre a concepção de Libâneo (1992) e Gohn (1999).

Libâneo parte de uma concepção educacional *intencional*, na qual distingue dois conceitos de educação: formal e não-formal. O modelo formal é definido como aquele:

"[...] que se realiza nas escolas ou em agências de educação e instrução (igrejas, sindicatos, partidos, empresas) implicando ações de ensino com objetivos pedagógicos explícitos, sistematização, procedimentos didáticos. Enquanto que, o não-formal é [...] quando se trata de atividade educativa estruturada fora do sistema escolar convencional - como é o caso dos movimentos sociais, dos meios de comunicação de massa, etc. " (p. 18).

Gohn, ao definir um conceito de educação, o concebe associado ao conceito de cultura. Para ela,

"A educação não-formal designa um processo com quatro campos ou dimensões... O primeiro envolve a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos... O segundo, a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades. O terceiro é a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitem os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas cotidianos... Quarto, [...] é a aprendizagem dos conteúdos de escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados. Aqui o ato de ensinar se realiza de forma mais espontânea, e as forças sociais organizadas de uma comunidade têm o poder de interferir na delimitação do conteúdo didático ministrado bem como estabelecer as finalidades a que se destinam àquelas práticas" (p. 98-99).

A concepção de Gohn é a que melhor vai ao encontro das minhas reflexões, já que associa a educação não-formal à cidadania, sendo que este é o seu objetivo principal, é pensado em termos coletivos. Isso porque, o processo pedagógico, a delimitação dos conteúdos e as práticas educativas são construídos junto com os sujeitos envolvidos, em que o saber acumulado se torna um instrumento para a reflexão/transformação do seu cotidiano e portanto, promotora de uma cidadania efetiva.

Quando me refiro às ONGs e à educação não-formal como espaço alternativo para a formação da cidadania, compreendo que o termo cidadania tem um sentido amplo, adquirindo significados diferentes ao longo da história da humanidade, da concepção clássica à moderna. Diante disso, recorro à definição utilizada por Demo (1998):

"[...] competência humana de fazer-se sujeito, para fazer história própria e coletivamente organizada. Para o processo de formação dessa competência alguns componentes são cruciais, como a educação, organização política, identidade cultural, informação, comunicação, destacando-se, acima de tudo, o processo emancipatório. Este funda-se, de partida, na capacidade crítica, para, com base nesta, intervir na realidade de forma alternativa". (p. 1-2).

Foi como conselheiro que me aproximei do universo das ONGs e aprendi a respeitar e a valorizar o seu papel dentro do cenário político e social, principalmente no que se refere à garantia de direitos da criança e dos adolescentes. Em 1996, fui convidado por alguns líderes da igreja católica, representantes de ONGs e Cedhep (Centro de Direitos Humanos e Educação Popular), para me candidatar a uma vaga de conselheiro tutelar, pela experiência que eu havia tido como seminarista na "Favela do Morro" (hoje inexistente graças a um projeto de desfavelamento desenvolvido pelo Conselho de Moradia Popular, em parceria com a COHAB, na gestão do PT 93-96), no Município de Ribeirão Preto, onde trabalhava com catequese e recreação (entre outras coisas) para crianças e adolescentes, no período de 89-90 (meu mais apaixonante trabalho como seminarista).

Embora mal sabendo do que se tratava, e após inúmeras tentativas de recusa, aceitei o convite. Li muito sobre o *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), que veio a substituir o *Código de Menores*, de 1927, dando à infância e à adolescência o *status* de cidadãos e sujeitos de direito a uma proteção integral.

Conforme Sêda (1995), que esteve presente na fundação da Casa das Mangueiras em 1973, o ECA não é um instrumento legal de caráter alterativo, pois nele, o direito vem antes dos fatos, ou seja, vem oferecer as regras de conduta (legislação) reconhecidas como válidas para alterar a estrutura (situação concreta) em que vivem as crianças e adolescentes, como forma de garantia de cidadania plena (direitos sociais). Ainda, conforme Sêda,

"A doutrina da proteção integral traz em sua base a noção de que além da dimensão civil - poder que as pessoas têm de manifestar vontade para firmar compromissos de natureza privada: negociar, contar, fazer testamento, etc. e da dimensão política - poder pessoal de manifestar vontade para a condução dos negócios públicos: votar e ser votado, exercer cargos ou funções públicos - a cidadania corretamente percebida apresenta uma terceira dimensão, a dimensão social - poder que a pessoa exerce de manifestar vontade eficaz para ter atendidas suas necessidades básicas sempre que elas forem ameaçadas ou violadas". (p. 16).

O referido autor é jurista, e quando debate a questão da cidadania o faz atrelado à noção de direitos; para ele, o grande avanço no conceito de cidadania, no Brasil, do ponto de vista da legislação - ECA -, no final da década de 1990, é ter agregado às duas primeiras dimensões (política e civil) uma terceira dimensão, a social, e assim, há que se criar mecanismos públicos para que esses direitos sejam exercidos.

Depois desses estudos prestei uma prova escrita, passei por uma banca entrevistadora e fui aceito como candidato. Vieram as eleições. Eram cerca de 30 candidatos, e fui eleito entre os cinco que ocupariam por três anos o mandato de conselheiros tutelares. Ao término do primeiro mandato, fui reeleito e renunciei após três meses, para me dedicar integralmente à função de professor universitário, em que me encontro hoje, e por um longo período desenvolvi, paralelamente, a função de conselheiro tutelar.

Minha aproximação com as ONGs se deu, então, dentro desse processo, tendo em vista que entre as funções de conselheiro, previstas no ECA estão a fiscalização do funcionamento das ONGs (dentro do que está previsto no art. 90 do ECA) e o encaminhamento de crianças e adolescentes (quando necessário) às mesmas. E a reaproximação se deu após o debate e o trabalho desenvolvido com os alunos do curso de Pedagogia da instituição onde leciono.

Dentre as ONGs existentes na cidade, escolhi a Casa das Mangueiras, uma ONG que trabalha na reorganização do cotidiano de meninos e meninas de rua, alguns dos quais são ou foram usuários de drogas ilícitas ou estão em conflito com a lei bem como autores de atos infracionais, tais como pequenos furtos, tráfico de drogas ou assalto à mão armada.

A escolha da Casa das Mangueiras como espaço para a realização dessa pesquisa, se deve, inicialmente a três fatores: primeiro, a qualidade e a seriedade do serviço prestado pela Casa, que se tornou referência na cidade, inclusive com proposta para um programa de educação na FEBEM - U.E. II de Ribeirão Preto, SP (o que por motivos políticos, acabou não se concretizando); segundo, porque esta ONG foi fundada na década de 1970 e passou por três décadas, quando ocorreram alterações significativas no conceito e funcionamento das ONGs; terceiro, pela concepção dos educadores da casa, já que usam, na linguagem cotidiana, termos próprios do "vocabulário neoliberal", tais como: Terceiro Setor, terceira via, parcerias etc.

Além dos fatores acima destacados, outros vêm se acrescentar, e dizem respeito, mais especificamente, à sua estrutura interna, ao seu

cotidiano e à forma como é realizado o trabalho com adolescentes autores de atos infracionais na cidade de Ribeirão Preto, SP. O contato com essa organização interna da ONG foi favorecido pela minha condição de conselheiro tutelar.

O primeiro contato com a Casa das Mangueiras ocorreu quando fui convidado para uma reunião com alguns representantes da sociedade civil organizada, para a indicação de candidatos para a eleição do Conselho Tutelar. Após a eleição, minhas relações com os profissionais da ONG se intensificaram através de visitas, reuniões, contato com as crianças e adolescentes da Casa, encaminhamento de crianças e adolescentes para aplicação de medidas de proteção previstas no ECA; enfim, passei a nutrir uma grande admiração pelo trabalho desenvolvido por esses profissionais, pela atenção dispensada às crianças e adolescentes, pela dinâmica do trabalho e pela organização e beleza da casa.

Essa interação proporcionada pela condição de conselheiro possibilitou-me uma situação de aprendizagem singular, pois o contato com aquela realidade da Escola Experimental Casa das Mangueiras era também para mim uma referência que orientava a minha atuação dentro do Conselho Tutelar, no trato com os direitos da infância e adolescentes, na realidade concreta das famílias que recorriam àquele órgão solicitando algum atendimento como forma de assegurar algum direito de seus filhos, direito que estivesse sendo violado.

Nesse processo de aprendizagem sempre me chamou a atenção uma frase que se encontrava em um mural na sala da coordenadora da ONG e que também se encontra na epígrafe do projeto da Casa das Mangueiras: *"Nada de grandioso se fará sem paixão"*. Mas que paixão é essa, que nutre um trabalho que neste ano completará três décadas de existência?

Ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa, pude perceber que a resposta a tal pergunta se confunde com a história da ONG, que é fundada como resposta a um desafio: desativar um posto policial existente em um bairro da cidade de Ribeirão Preto, em 1973, onde ficavam encarceradas cerca de 40 crianças, segundo Sueli Danhone, Assistente Social e Diretora da Casa das Mangueiras, em entrevista ao Jornal "A Cidade", *"Eram uns meninos muito doentes, cheios de feridas, porque fazia muito tempo que não tomavam sol. Muitos estavam lá sem boletim de ocorrência..."* (p. 8B).

Revisitar a Casa das Mangueiras através da minha história foi tornando menos relevantes as questões que eu havia levantado no início da minha pesquisa: O deslocamento econômico teria o poder de conferir outra

identidade e rede de significado para as ONGs? As mudanças ocorridas no cenário macro-estrutural significariam uma alteração no trabalho educativo desenvolvido pelas mesmas? Como a Casa das Mangueiras se reconfiguraria dentro dessa perspectiva?

Meu olhar passou a se centrar no sentido do trabalho educativo desenvolvido pela ONG, na dinâmica que movimenta a lógica do processo pedagógico construído ao longo da sua trajetória.

2. Abandonando as certezas... abandonando-me às incertezas

El camino se hace al andar
(Antonio Machado)

Segundo Gonsalves (2001), *"a pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto"* (p. 67). Na tentativa desse encontro mais direto com o meu sujeito de pesquisa, privilegiei dois instrumentos: um período de convivência com os educadores e adolescentes da ONG e a realização de entrevista com os fundadores e mais dois adolescentes da mesma.

O período de convivência com os educadores e adolescentes, de forma mais regular, ocorreu em um espaço de 04 meses, quando eu ia uma vez por semana à ONG e participava, na parte da manhã ou da tarde, das atividades desenvolvidas ao longo daquele período. Esse procedimento tinha como intuito *"[...] ir ao espaço onde o fenômeno ocorre - ou ocorreu - e reunir um conjunto de informações a serem documentadas"* (Idem, p. 67) em um diário de campo.

A observação e a convivência direta com os sujeitos da minha pesquisa me permitiram uma melhor aproximação com o seu cotidiano, bem como com a estrutura e a dinâmica da ONG.

As entrevistas com os fundadores da ONG tiveram por finalidade recuperar a história da Casa das Mangueiras, mas a partir do sentido que cada um daqueles sujeitos atribuíam àquele desafio, criar um espaço para atender àquelas crianças e adolescentes encontrados trancafiados nas celas de um posto policial.

A realização da entrevista teve como objetivo me aproximar do relato oral da história de vida dos educadores, bem como da sua aproximação com o trabalho de Educação Popular; recuperar, pela fala daqueles sujeitos, a história da fundação da ONG, o significado daquele desafio na vida dos mesmos; e, ainda, resgatar os sentidos da experiência de educação propostos pela ONG na atualidade.

A proposta inicial era a de entrevistar os 05 fundadores; porém, por dificuldade de acesso, acabei entrevistando apenas 04 deles. As entrevistas na realidade se tornaram uma agradável conversa, e praticamente as informações buscadas fluíram naturalmente.

Além de entrevistar os fundadores, realizei duas entrevistas, uma com um jovem e outra com uma jovem. Ambos com um longo período de convivência e contato com os educadores da Casa e que conseguiram reorganizar as suas vidas fora da criminalidade. Essas entrevistas tiveram como intuito resgatar a história de vida desses jovens, a fim de compreender, pela fala dos mesmos, o sentido da Casa das Mangueiras na sua trajetória de vida e resgatar a forma como se deu o processo de reorganização de suas vidas e qual a contribuição da ONG nesse processo.

Atualmente, depois de realizada a pesquisa de campo, e ainda durante o seu processo, fui percebendo aquilo que chamei de "novos contornos", no início deste texto. Na concretude da pesquisa, a relação entre o sujeito pesquisador e o sujeito da pesquisa foi se reconfigurando.

Penso então em uma partida de futebol, usando como referência os jogos da seleção, já que são os únicos a que consigo assistir, e no espectador que assiste a uma partida pela televisão, sentado em um confortável sofá, tomando uma cerveja geladíssima. Parece-lhe muito fácil tomar a bola e alcançar o gol. Da mesma forma, parece fácil driblar, cruzar, passar etc.

Mas quando se está em uma partida, tomado pelo nervosismo de uma decisão de campeonato, suado, debaixo de sol ou de chuva a coisa fica diferente! Em campo, as coisas não são tão fáceis quanto pareciam ao espectador que estava confortavelmente instalado e tomava a sua cerveja gelada.

Hoje, após um mergulho na realidade e no cotidiano daquela instituição, as certezas/incertezas são outras.

"Este envolvimento dialógico nos leva a falar em mergulho e não em observação porque sabemos que a vida cotidiana desses praticantes não se reduz àquilo que é observável e organizável formalmente". (OLIVEIRA e ALVES, 2001, p. 8).

Ir a campo, e aqui parece que tanto faz o que esteja chamando de campo, aquele do jogador ou do pesquisador, desestruturou as minhas certezas/incertezas. E algumas questões que a mim pareciam relevantes foram ganhando menos importância, ao passo que a pesquisa ia dando relevo a outros aspectos por mim ignorados.

Estar em campo me permitiu ter o olhar de dentro, onde novas questões passaram a ter maior importância para a compreensão do meu sujeito de pesquisa.

Refletindo sobre o meu itinerário da pesquisa, sobre as releituras do meu referencial teórico-metodológico, frente ao meu sujeito de pesquisa, sou impulsionado a abandonar algumas certezas, a trabalhar com a dúvida e a reconhecer as parcialidades das verdades. Isso tudo tem suscitado em mim um minucioso cuidado ao abordar as minhas impressões sobre a pesquisa, bem como a necessidade de utilizar outros referenciais teóricos e outras metodologias para fundamentá-las.

Nesse momento sou levado a refletir sobre o que Morin (2000) denomina de os *três princípios da incerteza no conhecimento*, sendo o primeiro (cerebral), que o conhecimento é sempre impressão e nunca reflexo do real, portanto, passível de erro; o segundo (físico), que o conhecimento da realidade é fruto de interpretação; e o terceiro (epistemológico), que os fundamentos filosóficos-científicos que fundamentam as certezas são passíveis de crise, e, por conseqüência, de limitações.

Minha preocupação inicial ao propor um Estudo de Caso de uma ONG na cidade de Ribeirão Preto, SP, estava centrada em descobrir se as ONGs, nos dias atuais, mantêm a identidade das ONGs militantes dos anos 1970/1980, como sendo um local privilegiado onde a sociedade civil se organiza para a garantia de direitos e, portanto, de cidadania.

Naquele momento, minha primeira aproximação partia de uma abordagem marxista; porém, ao ir me aproximando de sua realidade, comecei a perceber que sua configuração era muito mais complexa do que eu imaginava, e que qualquer interpretação totalizante dessa realidade seria, no mínimo, empobrecedora. Assim, algo que parecia ser tão claro e certo ganha uma dimensão complexa e enigmática.

Essa descoberta no processo de amadurecimento intelectual do sujeito pesquisador remete a uma outra questão levantada por Morin, à qual denomina incerteza histórica, onde

"Não há lei na História. Pelo contrário, há o fracasso de todos os esforços para cristalizar a história humana, eliminar dela acontecimentos e acidentes, submetê-la ao jugo de um determinismo econômico-social e/ou levá-la a obedecer a um progresso telecomandado". (p.60).

Assim, partir de uma visão onde a organização dos espaços locais seja determinada pela conjuntura macroestrutural deixa de ser o paradigma utilizado para a interpretação teórica e metodológica, dando lugar a uma análise da configuração do espaço-lugar da pesquisa, dos acontecimentos cotidianos

e, conforme Morin, dos acidentes que fazem parte dessa história singular.

Estar em campo me permitiu ter o olhar de dentro, onde novas questões passaram a ter maior importância para a compreensão do meu sujeito de pesquisa. E é sobre essas novas questões que eu gostaria de estar discutindo a partir desse momento.

2.1 Outros referenciais e outras metodologias

O encantamento e a admiração causados por essa experiência remeteram-me a outras leituras e à descoberta de novos paradigmas teórico-metodológicos para o tratamento da pesquisa. Foi assim que me deparei com o conceito de *aprendência* (Assmann, 2000), que leva em conta a imersão existencial do pesquisador no processo de construção e reconstrução do conhecimento, de forma que, quando se aprende algo novo, há uma reconfiguração no ser do sujeito aprendente, nesse caso, o pesquisador, e só assim o ato de aprender se torna significativo; com o conceito de *paradigma indiciário* (Ginzburg, 1989), em que um dos elementos determinantes para o pesquisador é a intuição, e a atenção para aqueles fatos que num primeiro momento seriam negligenciáveis; e, ainda, com o conceito de *desordem* (Balandier, 1997) como elemento de criatividade, onde o pesquisador se torna uma espécie de detetive para enfrentar o caos na busca das ordens parciais que ele encerra.

Para Ginzburg (1989), no final do século XIX, emerge, de forma silenciosa, nas ciências sociais, um novo paradigma epistemológico, e até agora não tem se prestado muita atenção a ele. E, embora operante, ainda não está teorizado explicitamente e poderia ser uma das saídas para a contraposição entre "racionalismo" e "irracionalismo" (p. 143).

Desenvolvido pelo médico Giovanni Morelli, para a identificação de quadros famosos, não se baseia no óbvio, como era a tendência que predominava entre os historiadores da arte. A sua proposta era de não se orientar por aquelas características mais vistosas; pelo contrário, o mais seguro seria orientar-se por pormenores mais negligenciáveis, por indícios imperceptíveis e detalhes secundários, porque são justamente esses elementos que definem uma singularidade à produção artística.

Suas raízes primitivas teriam surgido com o conhecimento desenvolvido pelo caçador, que, para obter bom êxito na caçada de forma a garantir a sua sobrevivência, aprendeu a "ler", nas pistas deixadas pelos animais, os sinais que indicariam a sua presença no local, ou mesmo a passagem do

mesmo por ali. Tratava-se de um saber venatório, isto é, *"a capacidade de a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experienciável diretamente"* (p. 152). Uma espécie de decifração de pistas.

Segundo Ginzburg, com o advento do paradigma galileano de ciência, *"o grupo de disciplinas que chamamos de indiciárias (incluída a medicina) não entra absolutamente nos critérios de cientificidade deduzíveis desse paradigma* (p.156), porque são as ditas disciplinas qualitativas e individuais, portanto, casuais; e a ciência não fala do individual. O paradigma galileano, ao apagar os traços individuais do objeto em nome de uma racionalização e objetivação do conhecimento, acaba por banir a dimensão emocional (dimensão estética) do observador para a produção do conhecimento, que, segundo o mesmo, passa por outros sentidos que não apenas a razão ou o intelecto.

Esse paradigma me possibilitou, conforme Kuhn (2000), o uso de *lentes inversoras*, onde:

"Defrontando com a mesma constelação de objetos que antes e tendo consciência disso, ele (o cientista) os encontra, não obstante, totalmente transformados em muitos dos seus detalhes". (p.157).

A partir desse momento, meu olhar se volta não somente para o que era dito nas entrevistas ou nas conversas com os educadores e adolescentes, mas também para o não dito, tais como sinais, informações secundárias, participação em encontros, passeios, reuniões, etc.

Essa compreensão me levou a um mergulho mais profundo no cotidiano da instituição, como forma de melhor aproximação e atenção para suas singularidades. Um desses mergulhos me levou a participar de um retiro dos educadores da ONG na Cidade de Goiás Velho, terra de Cora Coralina. Um encanto de lugar. O retiro foi realizado em um mosteiro beneditino, onde mora uma das fundadoras.

O mosteiro é muito bonito, ao mesmo tempo simples e integrado à natureza. Trata-se de uma construção simples, à base de tijolos, madeira e objetos rústicos. Percebe-se na arquitetura uma grande preocupação de integrar-se à natureza e valorizar a cultura local (de tradição indígena). Há muita vegetação, que, aliás, está em toda parte. São alguns prédios térreos, separados uns dos outros, quatro ou cinco no total, que recebem nomes de mártires, como Tupac Amaru e Ghandi.

A capela menor tem a forma de uma oca, e, como o restante da construção, é de barro e madeira. A riqueza está em um biombo na entrada, todo talhado à mão por um monge francês que mora no mosteiro. O altar e os objetos sagrados como o sacrário, o altar e os castiçais, são todos artesanais.

A capela maior, onde as pessoas da comunidade rezam o "ofício" com os monges, é totalmente aberta e rústica, de madeira, tijolo, cimento e ferro. É redonda, em degraus, como um teatro de arena, ficando o altar no centro. Há, nos fundos, um painel entalhado na madeira, representando a Santíssima Trindade, onde Deus é representado por um índio, Jesus por um negro e o Espírito Santo por uma mulher. As grades que cercam a capela, pois quase não existem paredes, são assimétricas, lembrando motivos indígenas.



Nessa capela, além da comunidade participar, percebe-se que o ritual tem vida, ganha sentido pela própria história de vida vivenciada no cotidiano de cada um.

Aquele momento de parada me possibilitou refletir bastante sobre a mística da Casa das Mangueiras e mesmo na sua relação com o belo. A partir daquele momento, algumas questões foram se evidenciando.

A primeira delas é que a diretora da Casa das Mangueiras foi beneditina, abandonou a vida religiosa mas continuou muito amiga de uma monja, que também pertence ao quadro de fundadores da ONG, é teóloga e cuida da

espiritualidade da Casa e dos "Amigos de São Bento". Informalmente, fiquei sabendo que o contato da diretora com os monges já tem mais de 30 anos.

Segundo - os encontros ocorrem uma vez por ano, revezando-se entre as cidades de Ribeirão Preto, Goiás, São Paulo e Belo Horizonte, onde os "amigos" atuam desenvolvendo trabalhos sociais.

Terceiro - nessas quatro cidades, há, por parte desses "amigos", uma grande inserção pastoral popular: em Ribeirão Preto, a Casa das Mangueiras; em Goiás, uma pastoral inserida entre os pobres; em São Paulo, trabalho com a população de rua e, em Belo Horizonte, com os catadores de materiais recicláveis.

Quanto à questão do belo, há uma preocupação ecológica por parte dessas pessoas, e, mesmo no mosteiro, cada canto guarda o seu encanto nos pequenos detalhes. Essa mesma simplicidade e encantamento podem ser encontrados na Casa das Mangueiras. Está presente, ainda, a preocupação com o meio ambiente, o cultivo da natureza e o cuidado com o outro.

No local, além dos monges e monjas, estavam algumas pessoas que vieram de Belo Horizonte, de São Paulo e da própria cidade de Goiás Velho, além de nós. O que havia de comum é que todos estavam inseridos em um trabalho social de grande relevância em suas comunidades de origem.

Bogdan e Biklen (1994), em suas reflexões sobre o trabalho de campo, quando discutem sobre o grau de participação do pesquisador no universo de seu sujeito de pesquisa, afirmam que

"a forma como se participa depende de quem se é, dos seus valores e da sua personalidade. [...] Ser-se investigador significa interiorizar-se o objectivo da investigação, à medida que se recolhem os dados no contexto. Conforme se vai investigando, participa-se com os sujeitos de diversas formas. [...] Estas coisas são feitas sempre no intuito de promover os objectivos da investigação". (p.128).

O meu intuito, ao participar desse encontro/retiro, era o de entrar de corpo e alma no universo daqueles sujeitos. Esse mergulho me possibilitou algumas descobertas, como já me referi anteriormente, que, embora negligenciáveis, poderiam contribuir para minha pesquisa, e que elencarei a seguir.

Que esses encontros são anuais, revezando-se entre as cidades de Goiás, Ribeirão Preto, Belo Horizonte e São Paulo. Que os mesmos são momentos de troca de experiências e momentos de espiritualidade, de oração e partilha entre as pessoas que fazem parte do grupo chamado "Amigos de

São Bento", e que essa prática talvez venha dar um sentido à questão da espiritualidade presente no trabalho da Casa das Mangueiras.

Que o contato da diretora da ONG com os beneditinos já dura mais de 30 anos. E, talvez por isso, a estética da Casa das Mangueiras seja muito semelhante à do mosteiro: a organização, a simplicidade, a evocação à natureza e ao sagrado, sem cair em pieguismos, mas inseridas em uma realidade social e comprometidas com a população mais excluída.

E, ainda, o que se evidenciou na partilha entre os participantes foi o fato de estarem "atenados" na realidade em que estão inseridos. No caso da Casa das Mangueiras, o trabalho ali desenvolvido guarda algo de maravilhoso que se revela ao nosso olhar; porém, não se pode ignorar que se trata de uma situação limite - miséria, marginalidade, banalização da vida -, ao mesmo tempo em que as pessoas que estão à frente do trabalho reagem apresentando a possibilidade de uma vida nova - é a crença na vida.

Esses elementos foram muito importantes para a continuidade da pesquisa e determinantes para a mudança do meu olhar de pesquisador, que já havia lançado mão de uma abordagem macroestrutural da ONG e se direcionado para uma abordagem microestrutural, escapando, assim, de uma abordagem totalizante, a exemplo do paradigma moderno. Segundo Alves (2001), isso significa:

"Buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, exige que esteja disposta a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando as coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário". (p. 17).

De forma que podemos afirmar ser no espaço local, das histórias dos sujeitos, das suas crenças e sonhos, que podemos nos aproximar dos sentidos da ação dos sujeitos. Uma visão mais global se prende à tentativa de explicar essa mesma ação a partir do sentido atribuído pelo pesquisador.

O paradigma indiciário também foi determinante para a tentativa de interpretação das entrevistas que realizei com quatro fundadores da Casa das Mangueiras. A exemplo disso, cito novamente a questão da espiritualidade e da dimensão do sagrado que aparece em todas as entrevistas.

Neste trabalho, quando me referir a eles usarei a denominação

de Manga Rosa - Assistente Social, Mestre em Ciências Sociais pela USP/SP, professora universitária e Diretora da Casa das Mangueiras; Manga Espada - Monja beneditina, teóloga e liturgista, atua há muitos anos na formação litúrgica, tanto no campo acadêmico quanto no campo pastoral e popular, sendo autora de vários artigos e livros sobre pastoral e ciência litúrgicas, assessora a equipe de educadores da Casa das Mangueiras em assuntos de liturgia e espiritualidade; Manga Coquinho - Padre, com grande inserção pastoral junto a comunidades carentes, atua há muitos anos na Pastoral Carcerária, e coordena um trabalho educativo com crianças e adolescentes no Núcleo Fraternidade São Francisco de Assis; Manga Bourbon - Padre e um dos fundadores da PROMERP (Fundação Pró Menor de Ribeirão Preto) que empregava Office-boys com o intuito de oferecer um emprego e promover o aprendizado e profissionalização de adolescentes.

Em uma das entrevistas, Manga Rosa acenava que a casa guarda algo de profético para a cidade de Ribeirão Preto, fazendo referência à seguinte passagem bíblica, encontrado em Lucas 04, 18-19:

*"O Espírito do Senhor está sobre mim,
Porque ele me ungiu
Para evangelizar os pobres;
Enviou-me para proclamar a remissão aos presos
E aos cegos a recuperação da vista,
Para restituir a liberdade aos oprimidos
e para proclamar um ano de graça do Senhor". (Bíblia de
Jerusalém, 1991, p. 1936)*

Apontava-se, também, para uma mística. Que reaparece na fala de Manga Espada, quando relembra da inauguração oficial da Casa em 08 de dezembro de 1973, "*escolhido de propósito*", por ser "*dia da justiça*", quando para a celebração da missa escolheram justamente essa passagem para celebrar aquele momento. Afirma cheia de entusiasmo:

"[Pela] primeira vez na minha vida eu vi sendo, vi acontecer que os presos foram libertados. Esse texto está acontecendo aqui, hoje. Então esta descoberta é muito interessante. Deus estava atuando naquele momento na Casa das Mangueiras, não éramos nós, era uma ação de Deus para os meninos".

Confesso que esses elementos, talvez não perceptíveis por outra pessoa, mas bastante visíveis para mim, devido à minha trajetória de vida, tal

como a minha experiência como seminarista, por exemplo, incomodavam-me e apontavam que, se eu quisesse entender o sentido do trabalho de educação ali realizado com aqueles/as adolescentes, teria que entender essa lógica no movimento daquelas pessoas.

Dessa forma, é importante estar atento também aos significados atribuídos pelo pesquisador, porque é ele quem vai determinar o olhar sobre o sujeito da pesquisa. E essa descoberta talvez seja mais importante que o próprio resultado da pesquisa, inclusive porque esse resultado vai ser determinado pelo tipo de olhar dispensado pelo pesquisador, e, portanto, vai estar impregnado de sua situação existencial.

Quando fui a campo para as entrevistas com os fundadores da Casa das Mangueiras, como todo pesquisador, havia construído um roteiro - impregnado de minhas crenças - que seria um fio condutor para a sua realização. Algumas vezes, porém, os entrevistados entravam em questões que não haviam sido formuladas/pensadas por mim, e que eram extremamente importantes, como, por exemplo, quando Manga Espada, que é monja beneditina e não trabalha diretamente com as crianças (segundo ela, apenas acompanha a ONG na questão da espiritualidade e da liturgia), revelou existir na organização da instituição muito da *Regra de São Bento*.

Disse ela que *o abade, para decidir as coisas importantes, tem que reunir toda a comunidade e ouvir... inclusive os mais novos. Então tem que ouvir as crianças... essa escuta dos próprios meninos é fundamental*. Esse elemento foi extremamente importante para dar prosseguimento à pesquisa, porque apontava outros elementos para a possível compreensão da questão pedagógica.

Nessa etapa da pesquisa foi muito importante a contribuição de Ginzburg (1989), que, ao fazer um estudo sobre Chiara Signorini, acusada de feitiçaria, em 1519, e levada a julgamento, analisa o seu processo, como num jogo de quebra-cabeça. Há uma passagem, em seu texto, em que afirma: "*vendo... que não podem obter por simples interrogatório a verdade sobre aquilo que foi denunciada, enviam-na de volta ao cárcere*" (p. 20). Na realidade, pelo que se pode perceber na análise do autor, é que o inquisidor fazia o seu interrogatório para colher a confirmação da verdade que ele já tinha e que deveria ser confirmada, ainda que sob tortura, pelo interrogado. Isso se assemelha muito à prática do pesquisador que vai a campo para colher informação que confirme as certezas que ele já tem.

Fazendo alusão ao processo interrogatório, vai atentar para as arbitrariedades das perguntas do inquisitor e para sua intenção de induzir a

interrogada com perguntas enganadoras.

"Aqui vemos em plena ação uma técnica de interrogatório tipicamente sugestionadora, pretendendo encaminhar as respostas da acusada para as vias preestabelecidas. Com suas perguntas, o frade Bartolomeo propõe implicitamente o conteúdo da resposta, e Chiara não deixa de se conformar às respostas docilmente às propostas, chegando até a integrá-las e desenvolvê-las". (GINZBURG, 1989, p. 24-25).

Essa leitura me levou a refletir sobre os riscos que corremos no momento da utilização dos instrumentos, como a entrevista, por exemplo, na produção de dados para a pesquisa. Para Gonsalves (2001), o termo produção de dados é mais adequado que coleta de dados, pois supõe que os dados da pesquisa são produzidos na relação entre o pesquisador e o sujeito de pesquisa, enquanto que, pelo termo coletar, subentende-se que *"o dado estaria ali, pronto. Caberia ao pesquisador o único esforço de buscá-lo"*. (p. 71).

O primeiro risco é a atitude tendenciosa, onde, na tentativa de adequar o sujeito àquilo que se quer saber ou ouvir, torna-se muito difícil separar aquilo que pensa o sujeito entrevistado, daquilo que ele acha que devemos pensar que ele pensa, ou, ainda, aquilo que ele acha que queremos que ele pense, porque, na pergunta que fazemos, por mais elaborada que seja, pode estar presente o conteúdo da resposta que se quer ouvir, mesmo não recorrendo à tortura, como no caso tratado pelo autor. Aqui, pouca diferença existiria entre o inquisidor do Tribunal do Santo Ofício e o pesquisador que tenta a qualquer custo arrancar do outro a verdade que ele já tem.

Um segundo risco é aquele que, da mesma forma que o enquirido/entrevistado é tendenciosamente influenciado a confirmar nossas certezas, pode também sabotá-las, não confirmando toda a verdade do pesquisador, por trazer à tona elementos singulares e, portanto, ignoráveis para o mesmo.

Ao longo deste trabalho de produção, e mais atento aos riscos do processo, fui abandonando as minhas certezas e me abrindo para o incerto, o que não é sinônimo de ceticismo, mas de receptividade. Talvez tenha descoberto o óbvio, que quando nos tornamos receptivos é que a realidade se revela.

A certeza nos impede de nos maravilharmos com o mundo à nossa volta, pois, conforme Balandier, ao se referir à ciência moderna, *"se o saber científico dá lugar à incerteza, é também porque chegou a um melhor reconhecimento da complexidade; a simplicidade e a estabilidade se tornaram exceção, e não regra"*. (p. 61).

A ciência moderna, segundo o autor, reforçou o paradigma da ordem e da regularidade, e, partindo dessa concepção, acreditou ser possível apreender objetivamente a realidade, de forma que a desordem - aquilo que escapa ao previsível - passa a ser um elemento do qual a modernidade tenta se livrar. Ao abrir mão desse elemento de desordem, perde-se também a criatividade, pois, "*a criação se nutre da desordem*" (p. 84), do fazer cotidiano no espaço da produção dos dados de uma pesquisa.

Enfim, esse mergulho no cotidiano tem me propiciado uma visão menos totalizante e mais singular na aproximação com o meu sujeito de pesquisa, ao mesmo tempo em que tem me distanciando do paradigma moderno e me remetido ao encontro com o paradigma pós-moderno na construção do conhecimento científico. E isso me remete a um cuidado ainda maior nos caminhos que trilho para a construção de um conhecimento acadêmico que procuro realizar frente ao meu sujeito de pesquisa nessa brincadeira de pique-esconde.

3. Casa das Mangueiras: a concretude de um desafio

[...] o que penso da sociedade tem tudo a ver com o lugar que eu ocupo na sociedade.

[...] a cabeça pensa onde os pés pisam.

Se você mudar o lugar social dos seus pés eu tenho certeza que a sua cabeça vai mudar.

(Frei Betto)

"Os múltiplos sentimentos, valores e processos vividos por cada um(a) na tessitura das redes de saberes que dá sentidos as suas ações precisam ser compartilhadas coletivamente e, para fazê-lo, precisamos estar imersos nos sentidos e sentimentos dessas tantas histórias ouvidas e compartilhadas". (OLIVEIRA e ALVES, 2001, p. 08).

Essa experiência de mergulho, enquanto envolvimento dialógico, possibilitou ao sujeito pesquisador visualizar na sua pesquisa não apenas a exigência desse envolvimento dialógico, como também enxergar, no cotidiano da Casa das Mangueiras, essa condição de mergulho no cotidiano dos adolescentes e das adolescentes que a freqüentam.

É a realidade, mais uma vez, que vai conduzindo e reconduzindo as suas ações em uma busca frenética e profética por uma nova proposta de trabalho que dê conta de se colocar como opção para aqueles que, frente à situação caótica da criminalidade, do tráfico e da prostituição, possam realmente fazer uma escolha.

Em um daquelas momentos de convivência que eu havia me proposto para a realização da pesquisa, durante uma conversa informal com a diretora da Casa, um questionamento levantado por ela me chamou muito a atenção, pois era carregado de sentido existencial, e para mim, apenas uma pessoa que se encontra imersa na realidade dos usuários da instituição pode fazê-lo. Ela avaliava, se o que a Casa das Mangueiras tem como proposta hoje, em termos de organização, realmente se caracteriza como sendo opção para aquelas crianças e adolescentes saírem da marginalidade.

Tal indagação revela cuidado para com o outro, para com o seu processo de humanização; penso que apenas as pessoas que partilham dos sentimentos, da história e do sentido de mundo daqueles adolescentes podem fazer um autoquestionamento tão profundo, porque, a ética que orienta as suas ações se estrutura na crença que *"se ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo e por destruir o que estiver à sua volta"* (Boff, 2001, p.34).

Mas onde se alicerça essa ética do cuidado? Ao me fazer essa pergunta, recordei-me da entrevista feita com Manga Coquinho, que, ao ser questionado quanto aos motivos da paixão por esse trabalho, na sua espontaneidade revela: *"ah, pela pessoa humana... não é mais do que isso, pela defesa da pessoa humana..."*. Boff (2001), ao se questionar sobre o que é o ser humano, chega à conclusão que: *"o ser humano é um ser de cuidado, mais ainda, sua essência se encontra no cuidado. Colocar cuidado em tudo o que projeta e faz, eis a característica singular do ser humano"*. (p.35).

Talvez o fundamento dessa concepção a respeito do ser humano nos remeta à idéia de que a ética do cuidado somente possa ser construída na relação dialógica onde, tanto quem cuida como aquele que é cuidado entram em um processo de humanização.

A Casa das Mangueiras foi fundada em 08 de dezembro de 1973, como resposta a um desafio lançado pelas autoridades executiva e judiciária do Município de Ribeirão Preto, a um grupo de pessoas que haviam denunciado a existência de um posto policial que mantinha crianças e adolescentes no cárcere, em situação subumana.

Manga Rosa, ao resgatar as origens da ONG, em entrevista, recorda que a primeira vez que entrou no posto policial, foi em junho de 1973:



"Nós entramos assim, inesperadamente, dentro desse posto policial e encontramos duas celas, cada cela tinha uma média de 3m x 4m. Nós encontramos 20 crianças e adolescentes muito doentes, com muitas feridas pelo corpo, muito pus. E crianças que não tomavam sol há seis meses".

Ao tomar contato com essa realidade, juntamente com um grupo de pessoas que faziam parte da defesa dos direitos humanos, ligadas à Igreja Católica, tornaram pública a situação daquelas crianças e adolescentes, denunciando-a nos locais aonde tinham uma inserção popular. Manga Rosa lembra que *"eles (o Promotor e o Juiz) fizeram um desafio, dizendo que fazia doze anos que existia esse posto policial, isso em 1973, em plena ditadura militar, e que eles não sabiam o que fazer"*.

Praticamente, naquelas circunstâncias, ninguém sabia direito o que deveria ser feito. Não havia, por parte das autoridades legalmente constituídas, qualquer proposta alternativa para mudar a situação daquelas crianças e adolescentes. O mesmo valia para esse grupo que resolveu levar à frente a indignação e efetuou a denúncia.

Manga Bourbon recorda que fizeram uma reunião com o Prefeito e o Juiz,

"[...]e como a proposta de se alugar qualquer local da cidade, a Prefeitura pagaria, o Juiz daria apoio, mas não daria verba, então nós, da comunidade teríamos que arcar com as despesas de funcionário, de alimento, nós aceitamos o desafio".

Manga Espada lembra que a polícia e a imprensa local os tinham como loucos. Como podiam estar apoiando assassinos? Mas o que fazer, fomos *"pegos pelo cangote, né?"* - Como quem diz, não tínhamos saída, era preciso dar uma solução para aquela situação. *Quer dizer que, né, é um apelo de Deus, né* - que, mais uma vez se manifesta na história do seu povo oprimido e exige uma tomada de atitude - *Moisés, Moisés, vem cá, eu vi a miséria do meu povo, vai"*. Faz referência ao Êxodo, livro sagrado do Antigo Testamento, que relata a fuga do povo hebreu do Egito para escapar da exploração do Faraó.

De acordo com o relato de Manga Rosa, durante seis meses, enquanto se dava a transição do posto policial para a "Casa das Mangueiras", ela começou a desenvolver um trabalho na escadaria da Catedral Metropolitana. Segundo ela, ali era um local de proteção para as crianças e os adolescentes. Enquanto isso, procuravam uma casa para abrigá-los, porém *"[...] não havia*

lugar para eles na cidade. Ninguém queria saber desses meninos”.

Certo dia, passando por um local onde havia várias chácaras, avistaram uma casa apenas no alicerce, havendo ao lado alguns materiais de construção. Diz Manga Rosa que:

“Era uma casa antiga e ia se transformar em uma morada coletiva. Nós conseguimos que a Prefeitura alugasse esse terreno com esse alicerce. Ele foi alugado por um ano. E nós, com os meninos, que iam saindo do posto policial da Vila Virgínia, nós começamos a levantar as paredes, nós tínhamos simplesmente um mestre de obras, que uma igreja pagava. E com os meninos, a gente construiu tijolo a tijolo a Casa das Mangueiras”.

Assim foi fundada a Casa das Mangueiras. Juntamente com as crianças e adolescentes, com a colaboração da comunidade, construíram uma casa em um terreno cheio de mangueiras; daí a origem do nome da ONG. Sendo pioneira na experiência pedagógica com crianças e adolescentes do sexo masculino com idade de 12 a 17 anos em meio aberto, autores de atos infracionais, a Casa nasce de um sonho das crianças. Os meninos sonhavam, quando ainda estavam dentro das celas, com uma casa onde pudessem viver.

Relatam os fundadores, nas suas entrevistas, que as grades das celas foram literalmente arrancadas, para que nunca mais nenhuma criança fosse encarcerada, o que continha também um gesto simbólico para o desfecho daquele episódio.

A partir de 1978, a Casa das Mangueiras mudou-se para a Vila Recreio, zona norte de Ribeirão Preto, bairro com toda a infra-estrutura necessária, que abriga a favela do Jandaia. Sendo a maioria dos moradores do bairro, oriundos do êxodo rural, onde se constata um grande número de adultos e jovens sem trabalho e ocupação, para muitos, o comércio de drogas é uma forma de trabalho.



A partir de 1993, passou a atender as meninas, também. O atendimento das meninas começou por decisão das mesmas em procurar a ONG. Manga Rosa afirma emocionada que, naquela época, elas *"estavam fazendo célebres arrastões em Ribeirão preto, elas estavam sendo muito espancadas e judiadas pela polícia. E elas vieram pedir para fazer parte da Casa das Mangueiras."*

A Casa das Mangueiras consegue reunir, em sua arquitetura e organização, o simples e o belo. Ao adentrar a casa, logo nos sentimos envolvidos por uma agradável atmosfera. Tudo nela é muito bem cuidado, *"desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato"*. (Boff, 2001, 91).

Há, na sua entrada, uma varanda com muitos vasos de plantas e algumas samambaias presas à parede. A sala-de-estar é grande e ornamentada com flores, artesanatos, quadros e um grande painel com fotos que registram acontecimentos importantes na rotina da vida das pessoas que dela fazem parte. Ao lado dessa sala há uma sala de estudos, com duas grandes mesas e um maravilhoso piano. Há, ainda, ao lado da sala-de-estar, uma saleta que funciona como uma sala de leitura, com grandes "vitrôs", recebendo uma agradável claridade natural, e uma vasta opção de livros e revistas que são manuseados pelos adolescentes.



O refeitório também é muito agradável, com mesas sempre arrumadas e ornamentadas com toalhas e vasos de violetas, e janelas amplas com vista para o jardim, e que possibilitam ainda a entrada da luz natural. Na parede atrás da mesa onde são servidas as refeições, existe uma "Santa Ceia" entalhada na madeira, de aproximadamente um metro e meio, uma obra de arte, presente de um monge beneditino francês especialista na arte de entalhar.

Em todo espaço da casa há ornamentos com obras de arte, tais como esculturas, tapeçarias premiadas e quadros de artistas plásticos, objetos de decoração e flores, revelando um estado de cuidado contínuo. O escritório, onde as pessoas são atendidas pela diretora e pela assistente social, também é uma sala acolhedora, sem abrir mão da simplicidade. A Belinha, cadelinha de estimação da casa, adora ficar deitada sobre o tapete dessa sala enquanto as pessoas conversam.



Na sala de recreação há alguns sofás, mesa de jogos e brinquedos; ali os adolescentes se deleitam no intervalo do almoço. Nas oficinas existentes na casa também se nota o cuidado com o espaço físico.

Essa casa fica localizada em um quarteirão inteiro, sendo quase todo cercado por alambrado e plantas de várias espécies, principalmente primavera. Grandes árvores fazem parte do local, que abriga, ainda, um pequeno teatro de arena, rico em detalhes, que fica sob um abacateiro e uma imensa mangueira. Ao redor dessas árvores foram construídos bancos que as

circundam, havendo neles alguns detalhes artísticos feito pelos adolescentes da Casa. Próximo ao local há ainda um bebedouro adornado por máscaras, também feitas artesanalmente pelos mesmos. Além de um campo de futebol, uma quadra de esportes, uma bela horta e um lindo jardim.





No jardim há ainda uma escultura de uma criança brincando com uma latinha d'água, de autoria de um importante artista plástico, que tem várias obras espalhadas pela cidade de Ribeirão Preto e região, o famoso Bassano Vaccarini.



3.1 As Crianças e os adolescentes que fazem a Casa das Mangueiras

De acordo com as informações das entrevistas, principalmente aquela oferecida por Manga Rosa, os adolescentes que freqüentam a casa são intimamente ligados com o tráfico, expondo-se à violência e banalizando a vida, além de serem vítimas da violência policial.

Na introdução do projeto da Casa, encontramos a seguinte informação:

"Muitas coisas mudaram: no mundo, no Brasil, no contexto sociocultural dos jovens em situação de risco. Na década de 70, os meninos que viviam no centro da cidade cometiam atos infracionais por uma questão de sobrevivência. Em meados dos anos 80, não buscavam somente a sobrevivência, mas chegavam à infração, pressionados pela sociedade de consumo. Hoje, a maioria permanece na periferia porque a economia se deslocou para o tráfico de drogas. Onde existe o tráfico existe o dinheiro. Estes adolescentes estão à margem da sociedade e não à margem da economia". (Projeto - "Onde a vida tem valor", p. 01).

Por estarem muito próximos da realidade dessas crianças e

adolescentes, estabelecendo um diálogo constante com o cotidiano existencial dessa população, os educadores da ONG, na realização de uma ação educativa, compreendem melhor os sentidos do agir próprio das camadas populares, tornando rica, por sua vez, a sua prática de educação popular.

A imersão dos educadores nessa realidade concreta permite uma outra interpretação, não meramente conceitual, sobre a questão da infância e adolescência, onde não existe uma situação de total exclusão. O que existe são crianças e adolescentes em situação de risco, devido à forma como garantem a sua inclusão econômica, a partir do tráfico, de assaltos e da prostituição, ou, conforme Martins (1997), uma *inclusão precária e instável, marginal* (p.20).

Sobre essa questão, escreve Martins, ao tratar das novas desigualdades sociais. Para ele, termo exclusão, dentro da experiência de formação do educador popular, tornou-se estéril porque incorporou "os pressupostos da dialética mecanicista e estruturalista" (p. 8-9), onde os conceitos se sobrepõem à realidade que tenta explicar, realidade esta que é eivada de sentidos construídos pelo sujeito, para significar a sua existência, e que são obscurecidos pelas rotulações.

"Esse esquema de rotulações não pode levar à compreensão de que o homem faz a sua própria história, nas condições que lhe estão dadas. Ao contrário, essa orientação sugere a eficácia unilateral (se de fato real) das categorias e definições. É a isso que se chama depreciativamente de idealismo. Tais militantes não derivam os conceitos da práxis, mas procuram fazer da práxis a realização do conceito. [...] Sua ação tende a se reduzir ao discurso que não se nutre do vivido". (p. 09).

De fato, é preciso estarmos atentos ao que denominamos exclusão. Será que as crianças e adolescentes que vivenciam essa realidade estruturada na marginalidade e no crime têm essa percepção de si, como sujeitos excluídos? Não seria a própria situação da marginalidade, da criminalidade e da prostituição, uma forma desses meninos e meninas - assim se referem a eles os educadores da Casa - se sentirem *incluídos* no seu meio social? Talvez o problema esteja, conforme Martins, nessa forma de *inclusão perversa* que:

"Não só produz ela uma reinclusão em relações sociais precárias e marginais, como produz também uma reinclusão ideológica no imaginário da sociedade de consumo e nas fantasias pasteurizadas e inócuas do mercado, qualquer que seja ele, até mesmo o mercado dos valores sagrados da

tradição e da dignidade humana. O favelado, que mora no barraco apertado da favela imunda, com o simples apertar de um botão da televisão, pode mergulhar no colorido mundo da fantasia e luxo das grandes ficções inventadas pela comunicação de massa; exatamente como faz, pelo mesmo meio e, provavelmente, no mesmo horário e canal, o milionário que vive nos bairros ricos das grandes cidades". (p.21).

Na situação que acabamos de analisar, via marginalidade, criminalidade e prostituição, é garantida uma inclusão desses sujeitos no processo econômico, como produtores do capital, pelo tráfico ou pela prostituição, por exemplo, assim como pela circulação de bens e serviços. Conforme Buyst e Equipe da Casa das Mangueiras (1998), *"para muitos, o comércio de drogas é uma forma de trabalho. [...] Muitas adolescentes... são exploradas sexualmente e almejam tornar-se mulher de um traficante"*(p. 09 e 11), como forma de obterem *status* junto ao grupo e gozarem das regalias econômicas propiciadas pelo tráfico.

Por estarem inseridos nesse cotidiano, os educadores conseguem ter uma leitura mais aproximada dessa realidade, vêem "de dentro". Sabem que a "Casa" é um espaço de opção, ou seja, não é a única alternativa para a vida daquelas crianças e adolescentes. O tráfico, a marginalidade e a prostituição também são alternativas, quer se faça uma opção consciente ou não, e na maioria das vezes esse é um processo natural em que não se envolvem escolhas.

"A Escola Experimental Casa das Mangueiras... Está rodeada de ponto de droga e oferece ao adolescente a opção de 'sair da droga' e 'sair da rua'. Sair da droga significa: deixar de fazer o tráfico, de ser usado pelo traficante e de consumir drogas. 'Sair da rua' é não se deixar se conduzir pelos acontecimentos, sem ter o comando sobre sua própria vida. É optar por uma vida organizada, com perspectiva de futuro". (Buyst e Equipe da Casa das Mangueiras, 1998, p.12).

Quando fazem a opção pela Casa, os adolescentes não deixam de conviver com a realidade do crime; a ONG não é uma ilha que funciona como um espaço de isolamento desses adolescentes. O que acontece é que eles deixam de ser coniventes com essa realidade. São, para isso, ajudados a traçar um novo projeto de vida, como alternativa para sair desse processo de naturalização de um cotidiano de marginalidade. E esse processo é cheio de idas e vindas.

Os adolescentes chegam à Casa das Mangueiras, por encaminhamento do Conselho Tutelar ou pelo Juizado da Infância e

Adolescência, para aplicação de Medida de Proteção à Criança e ao Adolescente, prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente ECA). Essas Medidas, conforme o Art. 98 do ECA,

"São aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nessa Lei forem ameaçados ou violados: I) por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II) por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsáveis; III) em razão de sua conduta". (LEI FEDERAL 8.069/90, p. 32)

Dentro dessas Medidas de Proteção, está prevista, no Art. 101, inciso IV, a inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente, sendo que essa aplicação de medida só pode ser requisitada pelo conselheiro tutelar ou pelo juiz da infância e adolescência.

Embora esse seja o caminho legal para que esses cheguem à Casa, na maioria das vezes os próprios adolescentes batem à porta da ONG solicitando ajuda, ou são levados pelos amigos ou parentes que já a frequentam. Manga Rosa, ao falar sobre esse processo, afirma que a atitude dos educadores é aquela de colocar

"o adolescente numa condição de fazer escolha entre essas duas realidades. Ele estabelece um limite mesmo, entre o lado de fora, que é a sociedade em que eles vivem e da classe social que eles fazem parte e o lado de dentro, que é o lado da "Casa das Mangueiras". Todo o tempo a gente está trabalhando esta opção. E dentro desse processo educacional desse adolescente é normal que ele, antes de fazer a opção definitiva, entre e saia da Casa das Mangueiras. Às vezes a gente também convida esse adolescente a ficar fora, mas não no sentido da exclusão; no sentido de tomar distância e avaliar o que está ocorrendo aqui. Cada vez que ele se afasta e volta, ele volta sempre melhor. Ele avança no processo.

O tempo de permanência do adolescente na Casa é pessoal; depende de cada adolescente. É o tempo que ele precisa para se re-organizar dentro de novos valores. É o tempo que ele necessita para retomar o rumo da sua história, de forma consciente, valorizando a sua vida e a do outro. Tempo de reconstruir uma inclusão de forma humana, criativa e estável.

3.2 Levantar a casa, realizar um sonho, construir um projeto pedagógico
Refletir sobre o projeto pedagógico da Casa das Mangueiras é,

pela fala dos entrevistados, retomar a história da própria ONG. A sensação do pesquisador ao tomar contato com os relatos, através das entrevistas realizadas com alguns dos seus fundadores, é que não havia um plano de atuação idealizado para trabalhar com aquelas crianças e adolescentes que saíam daquela situação de cárcere.

Ao recordar desse momento, Manga Coquinho, quase que sussurrando lembra-se de que *"não tinha nada, nada, nós aceitamos o desafio no escuro"*. E ressalta que estavam em 1973, em plena ditadura; não havia qualquer trabalho voltado para a questão da infância e adolescência. *"É nesse tempo que começa todo um trabalho também, da Funabem (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor)"*.

A Casa das Mangueiras nasce nesse contexto, segundo Buyst e Equipe da Casa das Mangueiras: *"A Escola Experimental Casa das Mangueiras tornou-se uma experiência pedagógica pioneira com adolescentes de 12 a 17 anos, autores de atos infracionais"*(p. 08). Não havia parâmetros, nem modelos que pudessem orientar o fazer daquele grupo, que também não tinha qualquer experiência com adolescentes infratores.

Manga Espada se recorda de uma conversa com Manga Rosa, que falava: *"eu não sei trabalhar com esses meninos"*. Depois de iniciado o trabalho chega à conclusão que *"eles são iguaizinhos. Igual criança rica, criança. É, igualzinho, não tem diferença. E, ai, ela (Manga Rosa) foi aprendendo com as crianças..."*

Essa referência às crianças ricas aparece porque tanto Manga Espada como Manga Rosa vieram de uma experiência como educadoras em um colégio de classe média e alta, na cidade de Ribeirão Preto. A experiência que acumularam como educadoras era oriunda dessa realidade.

Ainda fazendo referência a essa experiência, tratava-se de uma escola confessional, da Ordem das Monjas Beneditinas, sendo que uma das fundadoras ainda é monja e acompanha *"Até hoje essa questão da espiritualidade e da liturgia"*, tendo assim *"uma visão mais teológica"* da realidade da Casa. Segundo a mesma, existe muito da Regra de São Bento nos momentos de tomada de grandes decisões:

"[...] São Bento diz que o Abade (autoridade superior de uma comunidade religiosa beneditina) pra decidir as coisas importantes tem que reunir toda a comunidade e ouvir... Então, essa escuta dos próprios meninos é fundamental né, para saber... então, quando às vezes tem um problema de menino também, que dá muito trabalho, então vamos fazer a reunião..."

Nesse processo, de dar uma solução ao problema para o qual foram desafiados, ou seja, arrumar um lugar para tirar as crianças e adolescentes da prisão, a incerteza se torna seu maior aliado. Tudo era incerto: não havia um local em vista, para realizar o trabalho; não havia especialistas para trabalhar com aquele grupo popular e infrator; não havia referências para se pautarem. A única coisa certa era que algo deveria ser feito, e não tinham todo o tempo para realizá-lo.

Morin (2000), ao falar da incerteza, diferencia programa de estratégia, sendo que o primeiro é eficaz em situações que envolvam estabilidade e segurança; o segundo trabalha com o acidental, com o acaso. Enquanto o programa tende a "engessar" a ação, a estratégia remete à criatividade. Isso porque *"uma estratégia traz em si a consciência da incerteza que vai enfrentar e, por isso mesmo, encerra uma aposta"* (p. 62).

No caso desse grupo, não havia um programa de ação; o único elemento do qual poderiam lançar mão era de uma possível estratégia de ação a partir de elementos encontrados durante o percurso, ou, conforme expõe Manga Rosa,

"Enquanto a gente ia levantando as paredes, cobrindo a casa, fazendo o piso. A gente ia discutindo com eles como viver ali. Então, o grande valor da Casa das Mangueiras é justamente que os meninos, desde o começo, foram eles que foram nos mostrando como trabalhar".

Essa consciência parecia fazer parte do grupo, quando Manga Coquinho revelou que *"Tinha-se reuniões com os meninos. Os trabalhos com os meninos sempre foi um ponto de honra da Casa das Mangueiras... Ela se manteve no acerto das coisas porque sonhou desde o começo..."*.

Essa estratégia utilizada pelos fundadores esconde algo que talvez não seja visível a um olhar desatento. Fazer reuniões, escutar os meninos, discutir com eles a convivência nesse novo espaço que estava sendo gestado, tudo guarda algo de inovador. O grupo não está propondo uma saída para aquelas crianças e adolescentes, mas está propondo, junto com eles, uma alternativa para a questão da infância e da adolescência infratora em um período de plena ditadura, proposta que continua sendo inovadora nos dias atuais.

Manga Rosa afirma que *"com os meninos, a gente construiu tijolo a tijolo a "Casa das Mangueiras"*. Talvez, o mais correto fosse afirmar que, com os meninos, levantaram uma casa, realizaram um sonho e construíram um projeto pedagógico.

3.3 Mística e espiritualidade: o espaço do sagrado na Casa das Mangueiras

Como já vimos anteriormente, atualmente a Casa das Mangueiras está localizada em outro espaço da Cidade de Ribeirão Preto, onde se concentram algumas favelas. O perfil dos adolescentes mudou, muitos estão intimamente ligados com o tráfico de drogas, que lhes proporcionam a subsistência material, já que para muitos o comércio de drogas é uma forma de trabalho.

Essa realidade torna o trabalho dos educadores da "Casa", ainda mais desafiador. Como já havia pontuado em uma das minhas reflexões, a proposta da ONG não é a única alternativa para a vida daqueles adolescentes. Aliás, em termos econômicos talvez seja menos tentadora se relacionada ao tráfico. O que os adolescentes ignoram é que a condição de traficante e/ou usuário de drogas é extremamente perversa porque os expõe à violência dos traficantes e da polícia, que há uma banalização da sua vida.

Isso aparece na fala de Manga Bourbon ao se referir a essa dura realidade, lembrando da situação de um adolescente em particular:

"Inclusive que a tragédia ela se prolonga, parece, como o tempo, né? Nas tantas situações, (é o) caso do Breno (nome fictício)... que morreu por isso (referindo-se ao tráfico)... outros estão pagando e até a família. [...] vários meninos morreram, uns morreram assim, nesse sentido que nós vimos ainda hoje, né, que a polícia mata né; outros que entre eles se mataram..."

A Casa das Mangueiras, dentro desse contexto, enquanto proposta alternativa para que os adolescentes abandonem o mundo da criminalidade, aposta na valorização da vida. É um trabalho de reeducação dos meninos e meninas, que passa pela resignificação da vida, a partir de outros valores. Valores estes que não são impostos pelos educadores, mas construídos na relação com os adolescentes, por meio do diálogo e de uma proposta exigente, que o coloca como sujeito de decisões e escolhas conscientes.

Mergulhados naquele espaço, por opção, educadores da Casa lidam diariamente com a criminalidade numa situação extrema. Mortes e ameaças de morte fazem parte do cotidiano. Diante da barbárie, optou-se por um acompanhamento da espiritualidade, conforme se refere Manga Rosa "eu entendo que não se faz um trabalho social - e também uma pedagogia - separado do sagrado. Talvez seja porque muito do que a gente consegue é porque percebe intuitivamente ou olhando para dentro de si mesmo".

Aqui parece residir a questão essencial que vai permear todo o trabalho pedagógico da Casa: a questão da espiritualidade tem remetido necessariamente para a solidariedade, não como uma questão temática a ser tratada por cursos, oficinas ou palestras:

"a solidariedade tem a ver com o modo de ver o mundo e a vida. Solidariedade é uma relação inter-humana fundamentada na alteridade, que pressupõe o reconhecimento do/a outro/a na diferença e singularidade, atributos da alteridade. Reconhecer o/a outro/a na diferença pressupõe relativizar a si mesmo, as nossas certezas, enfim, todas as mesmices"(Assmann e Sung, 2000, p. 97).

Na tentativa de compreender o significado dessa dinâmica essencial no trabalho pedagógico desenvolvido pela Casa das Mangueiras - atento ao paradigma indiciário: buscando pistas que me indicassem o melhor caminho para a tentativa de compreensão dessa dinâmica - retomo aqui algumas observações e impressões colhidas durante o encontro/retiro, realizado na cidade de Goiás Velho.

Durante uma avaliação realizada pelos agentes sociais que participavam do encontro, e que desenvolvem algum tipo de trabalho com grupos populares - população de rua, catadores de materiais recicláveis, adolescentes infratores - havia um certo consenso entre os mesmos, qual seja, há toda uma questão social que a cada dia se torna mais desafiadora. Mas há também uma fé, uma esperança que impulsiona para a solidariedade, para o compromisso com o outro e com a vida.

Acho que aqui poderia estar a resposta para a mística da epígrafe que me chamou a atenção e que se encontra no projeto da Casa - Nada de grandioso de fará sem paixão. Onde a mística, como afirma Boff (1999), ganha um sentido sociopolítico, agindo como uma utopia:

"A mística é, pois, o motor secreto de todo compromisso, aquele entusiasmo que anima permanentemente o militante, aquele fogo interior que alenta as pessoas na monotonia das tarefas cotidianas e, por fim, permite manter a soberania e a serenidade nos equívocos e nos fracassos. É a mística que nos faz aceitar uma derrota com honra que buscar uma vitória com vergonha, porque fruto da traição aos valores éticos e resultado das manipulações e mentiras" (p.25).

E aonde se assenta essa mística? Na espiritualidade, ao menos é o que tem se mostrado na fala de Manga Rosa e Manga Espada, é o que se evidenciou no encontro/retiro. A espiritualidade, para Boff, é:

"uma experiência mística, misteriosa, que adquire uma conotação normativa na nossa vida. A mística é experiência fundante no ser humano desde que ele existe na face da terra, mas há diferentes espiritualidades e diferentes modos de vivenciá-las. Na tradição cristã, são bem acentuadas as diferentes espiritualidades: beneditina, dominicana, jesuítica, franciscana" (p.28).

No dia seguinte à nossa chegada no mosteiro beneditino, aqui já temos mais uma pista: trata-se de uma espiritualidade beneditina, houve uma reunião dirigida por um monge e teólogo. A sua explanação girou em torno da Regra de São Bento, de onde ele abordou duas questões para orientar a reflexão.

O primeiro aspecto levantado foi a preocupação de São Bento em organizar a vida do monge pela oração. Pela sua fala o que se pode perceber é que a oração impulsiona a vida monástica, ao mesmo tempo, que é capaz de criar uma utopia que movimenta a ação social dos indivíduos, orientado para um compromisso inadiável com o outro - a mística.

O segundo aspecto é o tempo dedicado à oração para que ela se impregne à vida. E aqui a oração tem o sentido de olhar para dentro de si, em um exercício de reflexão e auto-avaliação cotidiana. É como se fosse uma análise de conjuntura, que se atenta para a situação presente com o cuidado de não ignorar a realidade e estar atento para atender o tempo presente.

Isso me levou a pensar novamente na organização da Casa das Mangueiras, no sentido dado à oração, com a qual as crianças e educadores iniciam o seu dia; não me refiro a uma oração piegas e ritualista, mas a algo impregnado de vida. Essa minha observação é fruto da participação em algumas orações matutinas. Acredito que essas descobertas sejam muito mais relevantes para entender a Casa porque me revelam suas singularidades.

Nesse mesmo dia, na parte da tarde, tivemos um segundo momento de reflexão. Nele se abordou um terceiro aspecto da espiritualidade beneditina: a Páscoa de Jesus. O palestrante acentuou nesse momento, o que chamou de a mística da paciência. Termo usado pelos monges antigos que está na Regra de São Bento e que segundo ele, tem o mesmo sentido do termo mais atual, ou

seja, **mística da resistência.**

Lembro-me que naquele momento o grupo fora provocado com a seguinte pergunta: como poderiam apoiar-se mais nessa mística da resistência, e assim também, uns aos outros?

Para elucidar essa mística, destaco algumas situações vivenciais do próprio grupo, e que foram aparecendo durante aqueles momentos de reflexão.

Ora et labora - uma frase de São Bento, na qual ele estrutura toda a vivência do monge beneditino, sendo para os mesmos, dois momentos inseparáveis. Pelo teor da reflexão, essa frase também daria o sentido existencial para aqueles agentes sociais. O trabalho com os excluídos, necessariamente exige uma mística que o sustente, que dê sentido a ação dos mesmos no trabalho com o povo.

Outra reflexão dentro dessa lógica é a capacidade do grupo de ir além da situação imediata, por exemplo, a reciclagem do matérias recicláveis desenvolvida pelo grupo de Belo Horizonte e também pela Casa das Mangueiras, extrapola os limites da simples coleta e reaproveitamento dos materiais recicláveis, o que já é algo extremamente relevante tendo em vista a preocupação com a natureza que movimenta o grupo e a própria questão ecológica tão em voga hoje na literatura. Mas eles pretendem ir, além disso, na mística da resistência, a reciclagem desses materiais gera a reciclagem do catador, de sua vida... E ele, o catador, torna-se instrumento de reciclagem da comunidade.

Lembro-me de um casal de senhores, vindo de Belo Horizonte e que traziam a sua experiência, iniciaram como participante da cooperativa dos catadores de materiais recicláveis e hoje coordenam essa mesma cooperativa, são líderes dentro da comunidade dos catadores. Essa cooperativa, inclusive, produz artesanato com esse material coletado.

Temos também a experiência de uma oblata, jornalista, que foi para a África e que iria lançar um livro dali a alguns meses e que nos relatava que essa mística da resistência pode ser comparada à situação do povo africano, pobre, com fome, doente, em guerra, mas que resiste. É negra, canta, dança... vive.

É a miséria que tem o poder da contradição, que se torna reação. Que aponta para o novo, que desperta para a criatividade, que se torna anúncio. Que está atenta aos sinais do tempo. E isso é escândalo, inconcebível à racionalidade, essa lógica na experiência daquelas pessoas percorre outros meandros.

Em meio a toda essa reflexão um dos participantes alertava o grupo para que a resistência não desse lugar para a desistência.

Penso novamente na Casa das Mangueiras, o trabalho ali desenvolvido guarda algo de maravilhoso que se revela ao nosso olhar, porém não se pode ignorar que se trata de uma situação limite - miséria, marginalidade, banalização da vida - ao mesmo tempo em que as pessoas que estão à frente do trabalho reagem apresentando a possibilidade de uma vida nova - é a crença na vida.

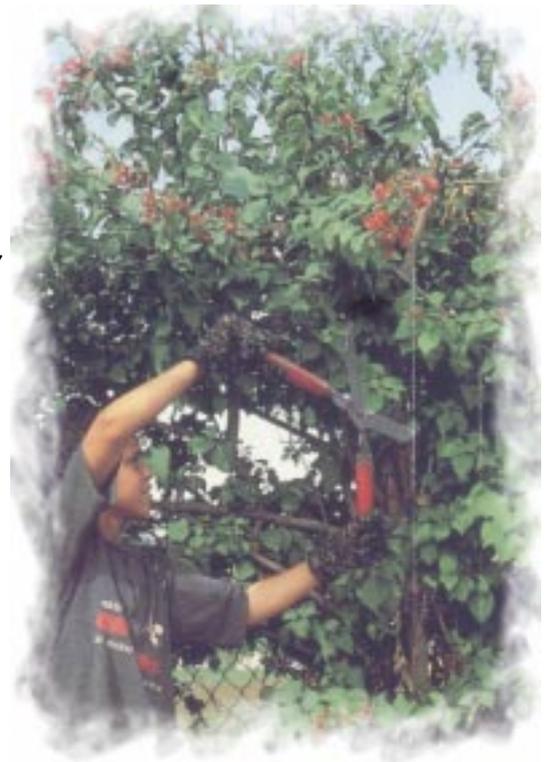
4. O espaço de aprendizagem como princípio emergente para a reorganização vital dos adolescentes com vivência de rua

*Reencantar o mundo é, na verdade,
reencantar o nosso olhar.*
(Nancy Mangabeira Unger)

Partindo dessa dimensão do cuidado que perpassa todo o projeto pedagógico da Casa das Mangueiras, pude perceber que ela tem se transformado em casa das plantas, das flores, das cores. A preocupação com a beleza é tão forte que até mesmo a comunidade passou a colaborar. Diz Manga Rosa: *"tudo o que temos é fruto de doação. Até as flores nós ganhamos das floriculturas..."*. Flores estas, que estão por toda parte, e enquanto cuidam da Casa, do ambiente e das flores, é dos meninos e das meninas, é assim que os educadores se referem às crianças e adolescentes que participam daquela instituição, que eles cuidam. E é de si que cuidam os meninos e meninas ao adotarem essa atitude de cuidar: *"o sentimento, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se, de afetar e de sentir-se afetado"* (Boff, 1999, p. 99).

Dessa forma, a Casa das Mangueiras tem se tornado um espaço de aprendizagem na reorganização do cotidiano dos adolescentes e das adolescentes com vivência de rua, porque tem propiciado *"experiências de aprendizagem pessoal e coletiva"* (Assmann, 1998, p. 12).

Para entender melhor esse processo de reorganização na vida desses adolescentes, realizei uma entrevista com dois jovens que desde adolescentes fazem parte da Casa, na realidade, um jovem e uma jovem. Ela tem, atualmente, 20 anos e ele, 22 anos. O meu intuito, ao realizar as entrevistas, foi o de criar um ambiente descontraído onde eles pudessem relatar,



da maneira mais informal possível, a sua história de vida: o que faziam antes de freqüentarem a Casa das Mangueiras, como chegaram à Casa, como foi a experiência deles naquele espaço e como está a vida deles na atualidade.

A nossa conversa com esses dois jovens, que ocorreram separadamente, foi extremamente agradável, ambos foram muito receptivos ao convite e colaboraram muito para o propósito das entrevistas. No transcorrer da mesma, eu tive, por várias vezes que segurar a minha emoção, devido ao conteúdo daquelas informações que me eram oferecidas pelos mesmos. Histórias de vida que guardam fatos tristes, próprios da maioria das nossas crianças e adolescentes, que na maioria das vezes se entregam à marginalidade por não vislumbrar uma alternativa de vida. Naturalizando, assim, uma forma de existência construída sobre uma inclusão perversa, onde às vezes *"elas se integram economicamente, mas se desintegram moral e socialmente"* (Martins, 1997, p. 34).

Essa experiência de dar voz a esses sujeitos me roubou a paz por um longo período, embora, felizmente, a vida deles tenham ganhado um outro sentido, segundo relatam nas suas entrevistas, devido ao contato que tiveram com os educadores da Casa das Mangueiras, e as oportunidades criadas por aquela instituição ao oferecer-lhes a alternativa de escolher um outro desfecho para a sua história.

Eu havia dito que a Casa das Mangueiras tem se tornado a casa das plantas, das flores e das cores. Pensando nisso, ao falar desses jovens, irei identificá-los com um nome de flor, não uma flor qualquer, mas uma flor com um sentido especial: o girassol. Para explicar o sentido dessa escolha, vou me apropriar de uma crônica de Caio Fernando Abreu (1997), que me chegou às mãos por intermédio de uma grande amiga, com a qual tenho o prazer de saborear idéias, como afirma Assmann (1998), *"aos petiscos, em lasquinhas finas, quentes e suculentas"* (p. 13). Diz a crônica:

*"Tenho aprendido muito com o jardim.
Os girassóis, por exemplo, que vistos assim de fora parecem
flores simples, fáceis, até um pouco brutas.
Pois não são.
Girassol leva tempo se
preparando, cresce devagar,
enfrentando mil perigos,
formigas vorazes, caracóis,
do mal, ventos destruidores.
Depois de meses, um dia, pá!
Lá está o botãozinho todo
catita, parece que já vai abrir.*

Mas leva tempo, ele também se produzindo. [...]



O girassol é uma flor imponente, um jardim de girassóis não passa despercebido, pela sua beleza e movimento. Seu nome teve origem no movimento que essa espécie faz durante o período de crescimento, girando de acordo com as posições do sol no céu. O girassol precisa de pouca água, mas não dispensa um local privilegiado pelos raios solares, já que busca a energia solar para crescer e se impor na natureza.

É assim que melhor consigo expressar o meu olhar sobre esses dois jovens, são como girassóis, belos e imponentes. Embora levando tempo - o seu tempo - para crescer. Devagar, foram enfrentando situações adversas, e quando desabrochados, nos revelam sua beleza, sua força incomensurável em busca de energia, se produzindo, enfim. Talvez a terra onde brotaram tenha sido escassa de água, mas bastou encontrar um lugar privilegiado pela energia solar para crescerem e desabrocharem.

4.1 O processo de reorganização na trajetória existencial relatado pela Girassol

A Girassol é uma jovem de 20 anos, muito bonita, de ascendência negra, olhar forte e maroto. De início aparentava ser muito tímida, mas quando se soltou, durante a entrevista, se mostrou ser muito falante. Perdeu a mãe e

o padrasto aos 11 anos de idade. Tem mais dois irmãos, que não moram com ela. A mais velha é moradora de rua e o mais novo, atualmente está foragido da Febem. Embora não conviva com eles demonstra uma grande afeição pelos mesmos, demonstrando uma profunda emoção ao referir-se a eles durante a nossa conversa. Segundo a mesma, *"infelizmente (os irmãos) estão no mundo das drogas. É uma coisa assim, que me dói bastante, você tem dois irmãos, mas não pode fazer nada. Tentei, mas não posso, é o caminho que eles escolheram, fazer o que?"*.

Dois elementos me chamam a atenção nessa fala de Girassol. O primeiro é que *estar no mundo das drogas* aparece como sendo uma opção, e embora não seja a intenção desse trabalho tratar da questão das causas da drogadição entre adolescentes das classes populares, eu acredito que só se possa falar em opção quando se escolhe entre uma alternativa e outra. Se não há essa possibilidade, então não existe escolha, de forma que o próprio cotidiano vai condicionando o sujeito a uma naturalização de realidade perversa. Aceitar esse discurso é vitimizar duplamente esses sujeitos: pelo estado de marginalização em que se encontram; pela responsabilização de se encontrarem nesse estado.

O segundo, é que a expressão *fazer o que*, não vem carregado de indiferença. É mais que isso. É o reconhecimento da impotência frente à situação, e ao mesmo tempo um sentimento de indignação.

Girassol morava em uma favela com a mãe, o padrasto, a irmã e o irmão. Conta ela, que o relacionamento familiar era muito complicado *"minha mãe mexia com droga, meu padrasto também"*. O padrasto era nervoso e a mãe apanhava dele muitas vezes. Morava em um barraco de dois cômodos: uma cozinha e um quarto que funcionava também como sala. Devido a isso, *"várias vezes a gente acordava de madrugada, e aí aquele pessoal todo lá dentro, usando a droga, então a gente dormia, [...] acabava respirando aquela droga. Era cocaína, a pedra* (referindo-se ao crack).

Aos 11 anos conheceu a Casa das Mangueiras, em um momento muito difícil para ela, pois sua mãe estava internada *"correndo risco* (de vida), *o médico falou que* (a mãe) *não ia escapar"*. A Mãe faleceu, e passado uma semana também o padrasto falecera. Ela e os irmãos foram morar com a tia, *"ela era muito ruim pra gente, nossa* (numa expressão de desabafo). *Às vezes preferia ficar aqui* (na Casa das Mangueiras) *do que ficar lá* (na casa da tia)". Durante o dia ficava na Casa das Mangueiras e à noite na casa da tia. O irmão ficou pouco tempo na Casa, por não se acostumar ao ritmo da instituição, a

irmã permaneceu na rua, pois antes mesmo da morte da mãe ela já era moradora de rua.

Adaptar-se ao ritmo da Casa também uma das maiores dificuldades enfrentada por Girassol, pois enquanto morava com sua mãe não tinha regras, horários estabelecidos ou qualquer responsabilidade, segundo seu relato:

"Não queria saber de escola, saía pra rua, bagunçava. Ia dormir, assim, só de madrugada. [...] Ia lá pro shopping, ficava zoando, brincando. Tinha liberdade, aqui (na Casa das Mangueiras) era outro esquema, porque aqui era fechado. Ficar aqui o dia inteiro. Estava acostumada a ter aquela vida lá fora. [...] O mais difícil era acordar cedo. Ter o ritmo da Casa sabe? Acordar cedo, cumprir horário, essas coisas que eu nunca tinha feito na minha vida, era cumprir horário, assim, certinho. [...] Café da manhã, fazer a limpeza da Casa, ir pro setor (se referindo às oficinas). Tomar banho para almoçar. [...] Legumes, coisa que eu não comia de primeiro. Só que aqui tinha que comer".

Estabelecer uma nova rotina de vida, é para os educadores da Casa das Mangueiras, o ponto de partida para a reorganização do cotidiano desses adolescente. De forma que a Casa tem uma organização, pela qual os adolescentes são responsáveis; tem regras, que são definidas pelos próprios adolescentes; e há ainda, um acompanhamento muito rigoroso por parte dos educadores. Segundo Buyst e Equipe da Casa das Mangueiras, 1998:

"Quem opta pela Casa entra num processo pedagógico, atraente e exigente, fazendo a distinção entre a vida de rua e a vida da Casa das Mangueiras. Valoriza a convivência solidária, aceita as regras da Casa definidas pelos próprios adolescentes e passa a ser acompanhado de perto pela equipe de educadores da Casa das Mangueiras, trabalhando limites e valores" (p. 15).

Porém, assimilar essa dinâmica é um processo difícil, e na maioria das vezes árduo, para o adolescente com vivência de rua. Isso ficou bastante perceptível na afirmação de Girassol: *"foi muito difícil, porque de repente, deu assim, uma mudada na minha vida. [...] Várias vezes eu saí da Casa, fiquei fora, passava uns tempos, eu voltava".* Ela afirma que precisou de praticamente um ano para se acostumar.

Nesse aspecto, percebe-se nas atitudes dos educadores um respeito pelo ritmo de cada um, o trabalho pedagógico com os adolescentes é pessoal. Segundo a concepção defendida por Assmann (1998), no processo de aprendizagem a *"instrução não é o aspecto fundamental da educação já que este reside nas vivências personalizadas de aprendizagem que obedecem à coincidência básica entre processos vitais e processos cognitivos"* (p. 33).

A permanência de Girassol na Casa foi se estabelecendo em um processo de idas e vindas, até que, aos 15 ou 16 anos ela resolveu sair e passou a vender saquinhos de lixo. Morou com uma outra tia e depois passou a morar sozinha. Mas sem perder o vínculo com os educadores, *"por mais que eu saí várias vezes, eles (os educadores) sempre me ligaram"*, conta ela. Em relação a essa prática dos educadores, Girassol lembra de um importante episódio da sua vida, quando sofreu um acidente e foi hospitalizada:

"Cheguei a ter um acidente, quem foi lá no hospital foi a Casa das Mangueiras (os educadores), da minha família não foi ninguém, então acho que aqui é um lugar onde existe pessoas em quem posso confiar [...]".

Mais uma vez percebe-se a dimensão do cuidado presente na pedagogia dos educadores, o gesto de carinho e atenção é um fator importante no processo de reorganização da vida dessa jovem, ela reconhece isso, recordando-se desse acontecimento que a marcou, pois nem a sua família esteve presente nesse momento de enfermidade. Para Boff (1999), *"somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado em nós, deixa marcas indelévels e permanece definitivamente"* (p. 100).

Enquanto vendia os saquinhos de lixo, Girassol foi convidada pela coordenadora/educadora da Casa para fazer parte do Programa de Proteção e Inserção dos Adolescentes na Comunidade, que tem como objetivo acompanhar os adolescentes em oportunidade de trabalho. Esse programa é desenvolvido em parceria com empresários e acompanhado por profissionais voluntários. Ela aceitou e há 04 anos, trabalha em uma gráfica e impressora de grande porte na cidade de Ribeirão Preto, aluga uma casa, onde mora sozinha e tem os seus projetos para o futuro: *"tenho minha casa, comprei minhas coisinhas (móveis, utensílios domésticos, etc) e guardo dinheiro no*

banco. Esse dinheiro é pra mim comprar uma casa ou um terreno". Isso tudo, Girassol atribui à oportunidade que a Casa das Mangueiras ofereceu para ela, ali "eu aprendi a dar os primeiros passos".

Quando indagada a respeito da sua vida hoje, ela responde:

"Hoje minha vida é totalmente diferente, porque de primeiro eu não ligava pra nada, quando eu morava com a minha mãe. Hoje não, eu tenho que cumprir horário na firma, tenho que acordar cedo pra chegar ao trabalho, tenho que passar aqui (na Casa das Mangueiras) todas as tardes. Tenho que saber que tenho que ir para a escola (onde cursa a 7ª série do supletivo). Então são coisas que eu não tinha antes na minha vida. [...] Quer dizer, eu nunca imaginava que ia ter.

Para compreender esse processo de reorganização na vida desse Girassol que enfrentou *"mil inimigos, formigas vorazes, caracóis do mal, ventos destruidores"* (Abreu, 1997), agora desabrochando, se produzindo, girando em busca da energia solar, ela expõe os seus projetos para o futuro:

"Tem coisa assim, que eu queria, mas acho impossível, eu penso assim, que eu queria meus irmãos junto comigo, na nossa casa, junto ali, como uma família, mas isso é impossível. Pro futuro quero ter a minha casa, casar, ter filhos e poder ensinar pra eles... (não encontrando uma palavra, como se ela fugisse). Assim, lógico que eu não vou querer que eles passem o mesmo que eu passei, eu quero fazer o melhor que eu puder pra eles".

4.2 O processo de reorganização na trajetória existencial relatado pelo Girassol

O Girassol é um jovem de 22 anos, também de ascendência negra, como a maioria dos adolescentes que freqüentam a Casa das Mangueiras. É casado e tem uma filha, durante a entrevista ele sempre se referia a ambas, de uma forma carinhosa, demonstrando uma grande preocupação com o bem estar delas, além de uma profunda gratidão pela contribuição da esposa na reorganização da sua vida. É oriundo de uma família composta de oito irmãos, sendo seis homens e duas mulheres. A mãe, pelo que se pode perceber na entrevista, tem um papel marcante na sua vida, não se refere em momento algum à figura do pai.

Girassol o mundo da criminalidade de perto, foi usuário de drogas, além de praticar o tráfico, diz ele, *"cheguei a vender algumas*

coisinhas: maconha, farinha (cocaína)”. Quanto aos seus irmãos, “tem dois que não mexe né? (referindo-se às drogas ilícitas). Tem dois que nem mora com a gente, com a minha mãe (referindo-se aos que não estão envolvidos com as drogas). Sós os outros menor. Esses se envolveram depois (que ele abandonou o tráfico e o uso de drogas), caíram no mundo do tráfico. Um, o caçula, tá melhorando”.

Antes de entrar para a Casa das Mangueiras, ele estudava e tomava conta de carros próximo a uma Igreja, no bairro em que morava, juntamente com os irmãos e alguns colegas. *“Vigiava carro pra ajudar minha mãe em casa, de vez em quando dar alguma coisa (dinheiro)”.* Aqui é importante retomar a discussão sobre o perfil dos adolescentes atendidos pela Casa e a discussão sobre a nova desigualdade social, defendida por Martins (1997), que produz uma sub-humanidade, onde as pessoas são tratadas como cidadãos de segunda classe e colocados à margem da sociedade. Dentro dessa no desigualdade, o que se observa, do ponto de vista econômico, é o que ele denomina de inclusão perversa, onde *“todos, [estão] inseridos de algum modo, decente ou não, no circuito reprodutivo das atividades econômicas: todos têm o que vender e o que comprar”.* (p. 35). O problema é que essa forma de inclusão empurra os sujeitos para a marginalidade.

Estar na rua para esses adolescentes é uma forma de garantia de sobrevivência, de satisfazer as necessidades de consumo, enfim, de garantir a sua inclusão econômica.

Girassol entrou para a Casa das Mangueiras com 13 anos, por indicação do cunhado, que já estava na instituição. O primeiro contato com os educadores foi feito junto com a sua mãe. Como todos os adolescentes que chegam à Casa, passou por um dia de experiência, conforme se refere, *“para ver como era”.* E ainda, *“no começo eu até gostei, depois eu não quis ficar mais porque eu tava me sentindo muito preso. Eu fiquei mais de um ano e acabei saindo”.*

Conversando com esse jovem, percebi algo de interessante. Ele havia relatado que com a entrada para a Casa das Mangueiras, passou a ajudar mais a sua mãe já que *“aqui ganhava também (o dinheiro que buscava como guardador de carro), ganhava cesta básica”.* Ao dizer isso, estava se referindo à pedagogia da instituição, que tem as suas oficinas (de tapetes e bolsas, papel e cartões, velas, produzidos com materiais reciclados) e aquilo que é produzido pelos adolescentes é vendido e o dinheiro é revertido

em seu benefício, sendo administrado com a ajuda dos educadores.



Porém, essa nova perspectiva de vida não suficiente para mantê-lo na Casa. Quando indagado a respeito dessa questão, ou seja, abrir mão dessa proposta alternativa e abandonar a instituição, o que o levou a essa tomada decisão ele responde: "*Ah, as regras, ter que sair daqui... (e ir direto para casa)*". E mais, *as vezes eles (os educadores) chamava muito a atenção da gente, minha mãe nunca foi de chamar a nossa atenção, eu nunca gostei [...] tinha muita regra aqui (na Casa) também*".

Esse dilema enfrentado por Girassol reflete a dificuldade que a maioria dos adolescentes enfrentam em reorganizar a sua vida a partir de novos valores. O simples ato de organizar a sua rotina é encarada como algo árduo, e muitas vezes os leva a sair da Casa, não definitivamente, mas cria-se uma dinâmica de idas e vindas. Esse aspecto é visto com naturalidade pelos educadores, porém, ao voltar, o adolescente tem que reconquistar o seu espaço, e isso também faz parte do processo de aprendizagem.

Ao sair da Casa, com 15 anos, diz Girassol, "*fui me envolvendo com o que não devia, com os moleque, aí acabei me envolvendo com o tráfico*". Essa era a grande preocupação dos educadores da Casa, ao cobrarem que ele fosse direto para casa, só mais tarde ele vai se dar conta disso. Embora não estivesse mais na instituição, os educadores continuaram acompanhando-o à distância: "*A educadora ia lá em casa, conversava com a minha mãe, conversava comigo, pedia pra voltar [...] que eles gostavam muito de nós aqui. [...] quando (me) via na rua eles (os educadores) me chamavam*".

Essa cuidado por parte dos educadores é para que não se perca o elo de ligação entre os adolescentes e a Casa, é uma forma de fazer com que os adolescentes percebam que os educadores não são coniventes com a marginalidade, e que quando quiserem abandonar a marginalidade e querendo ajuda, são bem vindos à Casa.

Girassol ficou envolvido com o tráfico, segundo ele mesmo, por dois anos,

"eu parei (com o uso e o tráfico), tava envolvido com a minha mulher. Minha mãe voltou pra cá (bairro de origem da família) porque alguns colegas dos meus irmãos, rincha da FEBEM, começou a ameaçar a gente lá (bairro onde moravam). [...] quando voltei [...] encontrei os meus colegas, da época que tinha ficado (na Casa das Mangueiras) que tinham voltado também (para a Casa), que tavam aqui porque a coordenadora tinha arrumado emprego pra eles (referindo-se ao Programa de Proteção e Inserção dos Adolescentes na Comunidade). [...] Veio eu e minha mãe, de

novo, conversar com a coordenadora, eu tava com 18 anos”.

Nesse processo de retornar para a Casa, novamente se percebe a dimensão do cuidado presente nas atitudes dos educadores. Isso é relatado na fala de Girassol, que numa de suas paradas, para cumprimentar seus colegas, foi atingido com um tiro no pé. Segundo o mesmo, nessa época já havia voltado para a instituição. Ficou com o pé engessado. Enquanto era cuidado pelos educadores para que se recuperasse, a coordenadora da Casa conversava com ele para saber das suas intenções, se queria realmente um trabalho digno. Mas para isso teve que passar por uma experiência de readaptação e reconquistar a confiança de todos, inclusive os adolescentes que estavam na Casa.

Há três anos Girassol trabalha em uma indústria farmacêutica de grande porte na cidade de Ribeirão Preto, já recebeu uma promoção. Ao recordar da sua história ele faz uma comparação entre a sua primeira entrada na Casa das Mangueiras e quando voltou pela segunda, e conclui dizendo: *“eu tava com um pouco mais de cabeça pra entender melhor as coisas [...] eu achava meio estranho, eles queriam mandar na gente, hoje eu vejo que não é nada disso. Na segunda vez que eu voltei eu fui entendendo”.*

Para ele foi muito importante o contato dos educadores no momento em que esta fora da Casa porque isso deu força para ele mudar o rumo da sua vida, de se reorganizar, fazer planos, sonhar, enfim, traçar um projeto de vida. *“Eu aprendi a viver, a ajudar as pessoas, assim como eles me ajudam. Aprendi a trabalhar. Muitas vezes os educadores pedem para conversar com os meninos. Eu que tinha que escutar, hoje falo para eles”.*

Morin (1996), defende a idéia de que não é possível, no processo de ordenação da nossa história, expulsar a desordem, porque ela é mais rica que o determinismo. Por isso, *“temos, portanto, na história com na vida, de conceber as errâncias, os desvios, os desperdícios, as perdas, os aniquilamentos, e não apenas as riquezas [...]”.* E como podemos perceber na prática dos educadores da Casa das Mangueiras, essa concepção está subjacente ao seu fazer pedagógico, ao mesmo tempo em que é incorporada ao processo de reorganização do cotidiano desse jovem.

Retomando a crônica de Abreu (1997): *“O girassol leva tempo se preparando, cresce devagar [...] mas leva tempo, ele também se*

produzindo". Hoje Girassol mora em uma casa alugada, reserva um dinheiro na poupança e sonha em poder comprar a sua casa. Algo que para ele, há pouco tempo nem se passava pela sua cabeça. Quanto às regras, que ele repugnava, hoje ele as utiliza dentro de casa, "eu aprendi que isso vai ser importante na vida da minha filha, pra eu não precisar ser violento como muitos pais por aí".

4.3 O processo pedagógico e a dimensão do cuidado no cotidiano da Casa das Mangueiras

Ao buscar uma estratégia para construir os elementos norteadores de um trabalho pedagógico, os fundadores da Casa das Mangueiras partiram de uma experiência singular. Para isso, priorizaram o estabelecimento de uma nova rotina para aquelas crianças e adolescentes, porque, como diz Manga Rosa: "todos nós temos uma rotina de vida... Você tem uma estrutura e nela vão acontecendo as intercorrências, no interior dessa estrutura básica".

Como se vivencia um dia naquele espaço? A partir da seguinte rotina da Casa:

Logo cedo, ao chegar...
conversar
descontraidamente,
relacionar-se com Deus,
na oração
Depois,
tomar café da manhã
arrumar todo o espaço
da casa, dirigir-se às oficinas.
Ao meio dia...
almoçar juntos,
e depois...
brincar,
voltar às oficinas,
saborear o lanche.
No final da tarde...
praticar esporte, divertir-se,
tomar banho e jantar,
voltar para casa.
E ainda....
aulas, cuidados com a saúde,
cultura,
conversas sobre o cotidiano...
diálogos profundos
sobre a vida

(Buyst e equipe da Casa das Mangueiras, 1998, p. 17).

Essa rotina é modificada segundo as circunstâncias, porém, é um parâmetro sobre o qual se estrutura toda a atividade pedagógica da instituição, que tem como intuito reorganizar a vida daqueles que ali convivem, propondo novos valores a partir das mais simples ações do cotidiano.

A questão fundamental que existe nesta opção, aparentemente simples, é que nenhuma transformação essencial ocorre sem o auxílio de valores. Toda modificação parece ser o resultado possível de uma negociação entre os valores que a pessoa tinha antes e os que lhe são propostos. E esses valores são visíveis nas relações interpessoais que estabelecemos, na pavimentação das ruas, nas casas e edifícios, enfim, na maneira como as pessoas lidam umas com as outras e também com as instituições. Segundo Mariotti, *"o chão fornece sempre um dos melhores retratos da cultura dos que o pisam"* (p. 174). O caminho escolhido pela Casa das Mangueiras para desenvolver o seu trabalho educativo foi esse, o de cuidar do chão, do ambiente, para cuidar do outro.

A rotina estabelecida, evidentemente, cria conflitos que já estavam sendo vivenciados pelos meninos. Trata-se aí, de uma opção a ser feita entre os desejos pessoais e a roda viva da criminalidade. Tem-se assistido, aos poucos, o acolhimento de uma ética solidária, que começa a impregnar muitos moradores do bairro, ao mesmo tempo em que se pode observar um aumento na auto-estima dos educandos. Este não é, entretanto, um processo linear, pois o desejo de poder optar por uma vida próxima da criminalidade em termos de lugar, mas distante socialmente, é cheio de idas e vindas. Mas, conforme fala já citada, para Manga Rosa, esse movimento tem sido o de conferir um sentido mais profundo, de *"tomar uma distância e avaliar o que está ocorrendo na sua vida. Cada vez que ele (o/a menino/a) se afasta e volta, ele volta sempre melhor"*.

Do primeiro passo, de estabelecer uma rotina, passa-se para o segundo, que é o momento de organizar o ambiente, tendo por um intuito que o menino ou a menina apegue-se a Casa, crie laços a partir do cuidar, pois, segundo a mesma: *"na medida em que as pessoas vivem em um ambiente organizado, em um ambiente cuidado, ela vai internalizar essa organização. Cuidar da casa, do ambiente tem um sentido também de ligação"*.

Criou-se uma dinâmica de reintegração muito interessante na Casa das Mangueiras, o cuidado com a terra, com a própria vida e com a vida dos outros, são expressões da cultura. A princípio, tais ações podem parecer esforços microscópicos, capilares, mas de fato, podem desencadear transformações profundas.

As interações interpessoais são as que produzem modificações significativas, pois estão atreladas a mudanças de modo de pensar, resultando em alterações de comportamento. E nesse aspecto se revela o processo de aprendizagem, onde, de acordo com a afirmação de Assmann (2000), "[...] qualquer processo pedagógico somente será significativo para os aprendentes na medida em que produz essa reconfiguração do sistema complexo cérebro/mente (e corporeidade inteira)" (p. 41). Nenhuma mudança estrutural - essencial - ocorre sem que haja, ao mesmo tempo, modificações em seu ambiente.

O fato de essas transformações serem muitas vezes microscópicas não significa que não sejam importantes. As alterações de estrutura resultam sempre de interações menores.

Nesse processo de aprendizagem, a medida em que o tempo ia passando, a Casa necessitava de mais educadores. E como escolhê-los?

Mais uma vez, a marca da Casa, aparece na fala de Manga Rosa: *"para nós, o mais importante é que a pessoa tenha sensibilidade, que seja uma pessoa digna, que tenha respeito pelo outro. O conhecimento, a metodologia, a parte mais científica do trabalho ele vai adquirindo aqui"*.

Instituindo uma outra ciência, criando uma pedagogia misturada com a arte e com a sensibilidade, os educadores da Casa das Mangueiras ensinam que o segredo está em confiar na humanidade das pessoas, nas suas ambivalências, na relatividade das coisas. O segredo está em reconhecer a alteridade de forma acariciante:

"Sabe por que acontece isso? Porque a gente procura sempre estar dando resposta para os acontecimentos sociais. É a própria realidade que vai te levando para frente, nos métodos, na pedagogia, no que é novo em termos educacionais. O segredo já existe dentro da realidade, é só ir desvendando essa realidade e procurando dar resposta a essa realidade".

Essa afirmação de Manga Rosa revela em si uma outra forma de vivenciar e trabalhar com o cotidiano das classes populares, onde o que predomina não é a idéia de ordem, mas o alicerce do fazer pedagógico se afirma pelos elementos de desordem inscritos nessa realidade, que não são ignorados pelos educadores, mas, incorporados pelos mesmos.

Segundo Balandier (1997), o conceito de desordem, não o confunde com bagunça, o que ocorre é que a realidade traz em si elementos de ordem e desordem que coexistem em um duplo jogo de forças. E a criatividade nasce

da incorporação dessa desordem ao fazer cotidiano.

Isso significa que já que não é possível eliminar a desordem, que guarda em si um elemento de movimento, é preciso saber lidar com ela, aproximar-se dela e convertê-la em ordem. Era assim que a sociedade primitiva, segundo o mesmo autor, lidava com a desordem. O mito primitivo é uma forma de explicação da realidade que não nega a desordem, mas que, através do rito, procura converter a desordem em ordem.

"Por meio do rito, os conflitos, as desorganizações são temporariamente transformados; o rito não age nem como um meio de repressão, nem como um exutório; captam as energias que se desprendem dessas situações para as converter positivamente; faz do que é provocador de confrontos, de ferida social e de degradação individual, um fator de reconstrução e de coesão". (BALANDIER, 1997, p. 35).

Os educadores da ONG vivenciam essa lógica no seu cotidiano e ela tem se tornado um aliado para o trabalho social que desenvolvem e um elemento de criatividade na proposta de uma pedagogia para a educação dos adolescentes excluídos ou indesejados nos espaços escolares modernos, formais e ordeiros.

5. Pós-reflexões

De tudo ficaram três coisas: a certeza que eu estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo, fazer da queda uma passo de dança, do medo uma escada, da procura um encontro.
(Fernando Pessoa).

A realização desta pesquisa, ainda que se levando em conta todas as dificuldades encontradas pelo caminho, foi algo que me proporcionou muitos momentos de prazer. E o maior prazer que um pesquisador pode gozar, é o da descoberta. Mas para que esta ocorresse foi necessário adotar uma atitude de abertura e respeito para com os sujeitos da pesquisa; desconfiança das certezas e do que parecia óbvio; e abertura para o incerto, portanto, para a cotidianidade da vida que comporta inúmeros reveses, a todo momento.

Adotar essa atitude parece simples, mas não é. Ao contrário, pode ser um exercício muito doloroso. Nesse aspecto a minha formação em filosofia ajudou bastante a amenizar os conflitos implicados na adoção dessa postura. Eu buscava uma *verdade*, sabia que a mesma não seria absoluta, porém, essa certeza não me impedia de buscá-la, ainda que na sua parcialidade.

Foi assim, ao me aproximar da Escola Experimental Casa das Mangueiras para a realização desta pesquisa, queria me aproximar ao máximo da sua realidade, porém sabia das minhas limitações, que são confirmadas ao término do mesmo. Este trabalho é a descrição daquilo que o olhar do pesquisador conseguiu captar e transcrever, e daquilo que captou e não foi possível transcrever devido à complexidade e riqueza de informações, sinais e sentidos.

De tal forma que, o objetivo do trabalho não foi apenas o de buscar uma verdade parcial, o que me deu muito trabalho, mas também, o de evidenciar os caminhos e descaminhos do pesquisador durante a trajetória e desenvolvimento da pesquisa. Em relação a essa questão à qual chamo a atenção, não oculto o abandono do paradigma marxista, por exemplo, e a minha aproximação com outros referenciais que me ajudassem a dar conta da pesquisa;

assumo minhas dúvidas e perplexidades frente à realidade com que me defronto, inclusive em relação aos meus sentimentos.

Realizar essa pesquisa foi também a concretização de uma realização pessoal. Ter uma aproximação periódica com trabalho desenvolvido com adolescentes com vivência de rua realizado pela Casa das Mangueiras. Ter um contato mais próximo com os seus fundadores/as, educadores/as e com os/as adolescentes da ONG. Conhecer melhor a pedagogia desenvolvida pelos educadores da Casa. Essa experiência me proporcionou um crescimento pessoal e profissional, bem como me possibilitou realizar algumas reflexões, que exporei a seguir.

Temos hoje, um modelo escolar que ensaia os primeiros passos para se tornar inclusiva, no sentido de incluir a todos e à todos garantir o direito de acesso ao espaço escolar. Ao mesmo tempo em que isso acontece, temos educadores que afirmam não saber trabalhar com essa "clientela", os diferentes. É isso mesmo, a escola até hoje homogeneizou os seus alunos, como fazer o contrário? Aqui nos defrontamos diante de um grande paradoxo. Os mesmos adolescentes que freqüentam a Casa das Mangueiras, freqüentam também as escolas públicas, com uma diferença, na Casa eles são bem vindos, na escola eles são marginais.

Onde estaria o nó dessa questão? Talvez na a Casa das Mangueiras nos indiquem uma direção. Uma das preocupações constantes dos educadores da ONG é em conhecer o seu entorno, a realidade em que está inserida. Conhecer ainda, quem são os sujeitos com quem eles estão trabalhando, a sua história familiar, porque quando ele chega à instituição ele vem inteiro - o que não implica em aceitação incondicional de suas atitudes. Esses dois elementos são imprescindíveis para a realização de um processo pedagógico que queira tornar-se eficaz.

Conhecer o seu entorno e a realidade desses sujeitos ainda não são suficientes. Atenta ao cotidiano dos adolescentes, a Casa desenvolveu a capacidade de incorporar a desordem na sua ação pedagógica e ao mesmo tempo a dinâmica, de junto com eles, criarem uma estratégia para a reorganização de suas vidas. Uso o termo estratégia, fazendo referência a Morin (1996), porque afirma que esta comporta a aleatoriedade.

Enquanto a Casa da Mangueiras incorpora esses elementos no seu fazer pedagógico, a escola faz o contrário, se preocupa em eliminar a desordem; porém, um espaço extremamente determinista que não comporta o movimento, é um espaço estéril, não há criação e nem inovação. É isso o que a ONG pesquisada tem mostrado desde a sua fundação, quando encontrada algumas crianças e adolescentes, autores de atos infracionais, trancafiadas em um posto policial. Estavam diante de um desafio, não havia certezas. A meu ver, isso foi extremamente importante para a história da Casa, porque

assumindo a sua impotência, os fundadores se abrem para o diálogo e dividem com as crianças e adolescentes que saíram do posto policial a responsabilidade de traçarem uma proposta pedagógica que orientasse as suas vidas, a forma de convivência e a maneira como sonhavam em reorganizar as sua vidas.

A escola, nos dias atuais, se encontra diante de um desafio. Se permanecer autoritária, ignorar a realidade na qual se encontra imersa e os sujeitos que se utilizam desses espaço, buscando dar uma resposta unilateral para os seus problemas, estará fadada ao fracasso.

Talvez uma das alternativas, dentre as várias apontadas por inúmeros teóricos, seja a de estarmos atentos aos trabalhos desenvolvidos em meios populares, e a Escola Experimental Casa das Mangueiras oferece um rico exemplo a ser seguido.

6. Bibliografia

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo, Paulinas, 1991.

ABREU, Caio Fernando. **Girassóis.** São Paulo, Global, 1997. (Coleção vida nova).

A Cidade. Caderno Geral, Ribeirão Preto, 06 de julho de 2003.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho - o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In OLIVEIRA, I. B. e ALVES, N. In OLIVEIRA, I. B. e ALVES, N (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes.** Rio de Janeiro, DP&A, 2001. (Coleção Metodologia e pesquisa do cotidiano).

ARANHA, Maria L. de Arruda. **Filosofando: introdução à Filosofia.** 2. ed. São Paulo, Moderna, 1994.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente.** 4. ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

ASSMANN, Hugo e SUNG, Jung Mo. **Competências e Sensibilidade Solidária: educar para a esperança.** Petrópolis, Vozes, 2000.

BALANDIER, Georges. **A desordem: elogio do movimento.** Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana.** 26. ed. Petrópolis, Vozes, 1998.

_____. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra.** 7. ed. Petrópolis, Vozes, 2001.

_____. Sentido sociopolítico da mística. In BOFF, L. e BETO, Frei. **Mística e Espiritualidade.** 4. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

BOGDAN, Robert C. E BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto, Porto Editora, 1994.

BUYST, Ione e Equipe da Casa das Mangueiras. **Festa do batismo: da vivência de rua à vida em comunidade.** São Paulo, Paulinas, 1998. (Coleção Celebrar).

DEMO, Pedro. **Charme da exclusão social.** Campinas, SP: Autores Associados, 1998. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 61).

ESTATUTO da Criança e do Adolescente - Lei Federal 8.069 de 13 de julho de 1990.

ESCOLA Experimental Casa das Mangueiras - Organização Vida Nova. **Projeto - "Onde a vida tem valor"**. Ribeirão Preto, fevereiro de 2001.

FERNANDES, Rubem César. **Público porém privado: o terceiro setor na América Latina.** 2. ed. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história.** Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOHN, Glória. **Educação não-formal e cultura política: impacto sobre o associativismo do terceiro setor.** São Paulo: Cortez. (Coleção questões da nossa época, 71).

GONSALVES, Elisa Pereira. **A difícil arte de olhar para si e para o outro: os sentidos da educação popular na atualidade.** Tese de Doutorado, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2000.

_____. **Conversas sobre a pesquisa científica.** Campinas, SP: Alínea, 2001.

KHUN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo, Perspectiva, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo, Cortez, 1992. (Coleção magistério - 2º grau. Série formação do professor).

MARIOTTI, Humberto. **As paixões do Ego: complexidade, política e solidariedade.** São Paulo, Palas Atenas, 2000.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo, Paulus, 1997. (Coleção temas da atualidade).

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.

OLIVEIRA, Inês Barbosa e Alves, Nilda. Contar o passado, analisar o presente e sonhar o futuro. In OLIVEIRA, I. B. e ALVES, N (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001. (Coleção Metodologia e pesquisa do cotidiano).

SÊDA, Edson. **A proteção Integral: um relato sobre o cumprimento do novo direito da criança e do adolescente na América Latina**. 4. ed. Campinas, Adês, 1996.

SCHUGURENSKI, Daniel. Globalização, Democracia Participativa e Educação Cidadã: o cruzamento da pedagogia e da política pública. In: SILVA, Luis Heron da (org.). **Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis, Vozes, 1999.

VIEIRA, Carlos Alberto Adi. A face oculta da globalização: o trabalho mundial da Ongs. In: OLIVEIRA, Odete Maria de (coord.). **Relações internacionais e globalização: grandes desafios**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.